



1050 ANOS

GUIA PELA
HISTÓRIA DA
POLÔNIA
DE 966 A 2016



1050 ANOS

GUIA PELA
HISTÓRIA DA
POLÔNIA
DE 966 A 2016

Autores

Łukasz Kamiński

Maciej Korcuć

Resenha crítica

Prof. Ph.D. Wojciech Roszkowski

Tradução

Frederico Pawlowski

Projeto gráfico

Sylwia Szafrńska

Mapas

Tomasz Ginter

Composição

Sylwia Szafrńska

Fonte Apolonia Nova por Tomasz Welna

Impressão e encadernação

LEGRA Sp. z o.o.

ul. Albatrosów 10c, 30-716 Kraków

ISBN 978-83-8098-034-1


© Copyright by Instituto da Memória Nacional

Comissão para o Julgamento de Crimes contra a Nação Polonesa, Varsóvia 2016

© Copyright by Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Polónia

Departamento de Diplomacia Pública e Cultural, Varsóvia 2016

SOMMARIO



Carta do Presidente da República da Polônia Andrzej Duda – índice	5
Carta do Cardinal Stanisław Dziwisz – índice.....	7
I. O início da Polônia	9
II. A primeira verdadeira união na Europa..	21
III. A época dos reis eletivos	31
IV. Queda e servidão	41
V. A Polônia Renascida.....	57
VI. A Polônia em combate	69
VII. Sob o jugo comunista.....	95
VIII. Liberdade e solidariedade.....	107



Presidente da
República da Polónia

Varsóvia, 29 de março de 2016

Introdução à publicação histórica dedicada à
Polónia e ao papel da Igreja polonesa no Mundo,
endereçada aos participantes da Jornada
Mundial da Juventude em Cracóvia.

Caros Visitantes – Participantes da Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia!

Minhas cordiais boas-vindas à minha Pátria e à minha cidade natal, Cracóvia – antiga capital da Polónia e sede do bispado de São João Paulo II. Tenho confiança de que a permanência aqui permitir-lhes-á conhecer de perto a Polónia e os poloneses. Ao visitar o Castelo Real, a Basílica Catedral no Wawel e o Panteão Nacional na igreja dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, vocês ouvirão sobre nossos monarcas, estadistas, notáveis eruditos e mestres da cultura. Seus incomuns destinos e suas maravilhosas realizações arranjam-se na narrativa de como a Polónia se transformou, se desenvolveu e como influenciou a história da Europa e do Mundo.

O Museu Nacional de Cracóvia, as galerias, as belas igrejas, os mosteiros, os santuários e outros elementos históricos conscientizar-lhes-ão de o quanto nós, poloneses, apreciamos a riqueza espiritual e o bem da cultura – tudo aquilo que permite a pessoa humana sentir e compreender mais. As dezenas de prestigiosas instituições de Ensino Superior aqui localizadas, os edifícios do Parque Tecnológico de Cracóvia, os Ramais do Conhecimento e da Inovação do Instituto Europeu da Tecnologia e os laboratórios de pesquisa da Sociedade Max Planck são locais onde é possível ver manifestações de como será a Polónia e o Mundo de amanhã.

Por si só, Cracóvia é uma cidade plena de atrações para os visitantes do exterior. Gostaria, entretanto, que vocês pensassem nela como o portal para nosso

país, sua fascinante história e atualidade. Que sua permanência aqui o faça desejar uma nova visita à Polônia, para conhecer outras não menos interessantes localidades, regiões repletas de riquezas naturais e paisagens inigualáveis. Convidamos a todos, que desejam aqui obter formação, novas experiências e, sobretudo, conhecer pessoas e fazer amizades. A Polônia, desde séculos, se orgulha de suas tradições de hospitalidade, abertura e tolerância. Neste ano, celebramos o 1050º aniversário do batismo do príncipe Mieszko I e da consequente passagem da Polônia à comunidade europeia das nações cristãs de então. Este Jubileu é a ocasião para recordarmos que, como nação, muitas vezes nos empenhamos na defesa dos valores que criam os fundamentos da civilização cristã e, deste modo especial, da liberdade, do direito e da dignidade humana.

Desejo a vocês um profícuo e profundamente vivenciado encontro com o Santo Padre Francisco, com a espiritualidade dos Santos poloneses, com a Polônia do passado e atual, e também com seus amigos e amigas do mundo inteiro – tais como vocês, cheios de esperança e de vontade de modificar o mundo. Minha mais calorosa saudação a todos vocês!

A handwritten signature in blue ink, consisting of two distinct parts. The first part is a stylized, elongated shape that could be interpreted as 'F. J.' or similar initials. The second part is a more complex, cursive signature that appears to be 'Francisco' or a similar name.

Caro Visitante, que está participando na Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia!

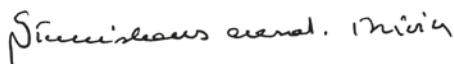
Você está na Polônia, um lugar peculiar no mapa da Europa. Uma terra que nestes 1050 anos deu à Igreja e ao mundo, santos, célebres governantes, grandes eruditos, formidáveis artistas. Nesta parte da Europa se iniciou a solidária “renovação da face da terra”, que fora pedida ao Espírito Santo pelo Papa João Paulo II. Você está em Cracóvia, de onde, graças à Santa Irmã Faustina e ao São João Paulo II, corre para o mundo o anúncio da Misericórdia Divina.

A aceitação do Batismo em 966 tornou-se o início da história da nação e do país. Feitos incomuns, difíceis, mas que são a prova de que o Senhor da História dirige seu curso pelo caminho correto.

Desde seu Batismo, a Polônia se manteve fiel ao Evangelho, participando na construção da Europa cristã e defendendo-a diante dos perigos. Nisto, foi o bastão da liberdade, da tolerância e da democracia. Mesmo nos momentos mais difíceis das partilhas, guerras e ocupações, foi a inspiração dos apaixonados pela liberdade no mundo inteiro.

A Polónia é a terra onde nos séculos XIX e XX travou-se heroica luta pela liberdade e dignidade humana. Onde, pelas mãos dos alemães nazistas, foi cometido o maior crime da história da humanidade: o Extermínio. É a terra onde se desenrolaram as maiores e mais cruéis guerras e onde grassou o comunismo soviético, mas que, graças à Providência Divina, saiu vitoriosa da opressão.

Você veio à Polónia, a Cracóvia, para se encontrar com Cristo em comunidade com jovens do mundo inteiro e com o Papa Francisco. Você se encontra também com os habitantes desta terra, benevolentes e hospitaleiros. Para ajudá-lo na compreensão do lugar onde você está, o Instituto de Memória Nacional e o Ministério das Relações Exteriores prepararam esta breve resenha da história da Polónia que está em suas mãos. Seremos agradecidos se, mesmo com a concentração espiritual e a alegria do encontro, você achar um instante para ler esta história e para conta-la depois, quando você voltar para sua casa.



Dom Stanisław Dziwisz,
Cardeal Arcebispo Metropolitano de Cracóvia



O INÍCIO DA POLÔNIA



ossa identidade como unidade e como comunidade está apoiada na memória. O passado permite compreender quem somos. A história, e assim a atualidade dos poloneses, iniciou-se há 1050 anos com a acolhida do cristianismo.

No momento da maior prosperidade da Polônia, apareceu o mito que os poloneses eram descendentes dos sármatas, valentes guerreiros descritos pelos autores da antiguidade. Até hoje, às vezes, dizemos que somos sármatas. Porém, na realidade, os poloneses são descendentes dos eslavos que se assentaram na Europa Central e Oriental a partir do século VI d.C.

Com o tempo foram formando seus próprios estados. Um deles era regido por Mieszko, em meados do século X. No ano 966, Mieszko tomou a decisão de aceitar o batismo, seguindo-se a isto a cristianização de todo o país. Independentemente de tê-lo feito por circunstâncias políticas, por insistência de sua esposa (a princesa boêmia Dobrawa) ou por ter se convertido, esta decisão teve grandes consequências. A aceitação do cristianismo fortaleceu a jovem nação tanto internamente quanto na arena internacional. A Polônia tornou-se parte integrante da civilização latina e Mieszko, parceiro em igualdade com os demais regentes europeus. Esta posição foi mantida por seus sucessores, a começar pelo lendário



Campos nos arredores do Lago Lednica, um dos possíveis locais do batismo de Mieszko I. Desde 1997 jovens cristãos encontram-se anualmente ali.

(Foto Piotr Tracz, REPÓRTER)

fundador da dinastia dos Piast Kołodziej. A atestá-lo, entre outras coisas, vão os numerosos matrimônios com representantes de outras famílias reais.

A obra de Mieszko I foi continuada por seu filho, Boleslau I “o Bravo” (em polonês: Bolesław Chrobry), que com grande sucesso organizou, no ano 1000, o encontro com o imperador Oto III. Isto aconteceu em Gniezno, diante do túmulo do primeiro dos padroeiros da Polônia – Santo Adalberto (em polonês: św. Wojciech). A reunião de Gniezno não somente fortaleceu a posição de Boleslau, mas também levou a organização das estruturas eclesiásticas. Ao lado do então bispado de Poznań, surgia a Arquidiocese de Gniezno e as dioceses sufragâneas de Cracóvia (Kraków), Kołobrzeg e Breslávia (Wrocław).

Após a morte de Oto, Boleslau travou uma guerra de altos e baixos por quinze anos com seu sucessor, Henrique II. O regente polonês, ao final, logrou defender sua soberania e manteve algumas conquistas territoriais. Em 1018 obteve vitória sobre o príncipe kievano Jaroslav e conquistou Kiev. Seus sucessos, entretanto, não



Santo Adalberto (aprox. * 956, † 997) – bispo de Praga, opositor do comércio de escravos, obrigado a deixar sua diocese, foi assassinado como missionário pelas mãos dos prussianos. Seu corpo foi resgatado por Boleslau I a preço de ouro. (Foto Metropolitan Museum of Art)



Denário de Boleslau I “o Bravo”, descrito como “Princes Polonie”. Esta é a primeira inscrição com o nome da Polônia. (Foto Centro Numismático de Varsóvia)

duraram muito. Pouco antes de sua morte, em 1025, Boleslau foi coroado como o primeiro rei da Polônia.

Pouco tempo depois da morte do pai, a coroa passou para Mieszko II. Após alguns anos de reinado teve início uma grave crise. Os vizinhos ocidentais, orientais e sulinos violaram as fronteiras por diversas vezes, com revoltas dos defensores das antigas práticas pagãs e deposições de regentes locais. Após a invasão tcheca de 1038, o estado polonês deixou de existir.

O Estado polonês foi restaurado mais tarde pelo filho de Mieszko, Casimiro, que recebeu o apelido de “o Renovador” (em polonês: Kazimierz Odnowiciel). Através de investidas diplomáticas, alianças com inimigos recentes e guerras, logrou recuperar parte das terras perdidas. Recriou não somente estruturas nacionais, mas também a administração eclesiástica. Teve sua obra continuada por seu filho Boleslau II “o Generoso” (em polonês: Bolesław Szczodry), que recebeu a coroa em 1058.

Por causa de seus sucessos diplomáticos e militares, Boleslau II teve a oportunidade de entrar para a história como um dos mais célebres monarcas poloneses. Por várias vezes decidiu quem ocuparia os tronos de Rus e Hungria. Apoiou o Papa Gregório VII em suas demandas contra o Império Alemão, obtendo deste modo, em 1076, a coroa real. Três anos mais tarde, porém, ordenou o assassinato



Em funcionamento até hoje, a Abadia dos Beneditinos em Tyniec foi fundada por Casimiro “o Renovador”. (Foto Przemysław Antosik, Wikimedia Commons)

Polônia nos tempos de Mieszko I e Boleslau I



do bispo cracoviano Estanislau (em polonês: Stanisław), o que gerou revolta e terminou com o exílio do rei.

O trono foi ocupado pelo irmão de Boleslau, Ladislau Herman (em polonês: Władysław Herman). Sua posição, tanto nas relações internacionais quanto em questões internas de estado, era significativamente mais frágil. O símbolo daquela mudança foi a falta de coroação do soberano. Cresceu em importância a posição dos magnatas, com quem o príncipe se aconselhava antes de decisões importantes.



Santo Estanislau (aprox. * 1030, † 1079) – bispo de Cracóvia, mártir, padroeiro da Polônia, condenado a morte por se opor a Boleslau II e apoiar efetivamente os súditos oprimidos.

Antes de sua morte em 1102, Ladislau dividiu o estado entre seus filhos – o mais velho Zbigniew e Boleslau, mais jovem. Isto, porém, não foi capaz de evitar a longa disputa entre os irmãos, que foi potencializada pelas coalizões de um e outro com regentes vizinhos. A questão foi dirimida por completo na guerra de 1109, entre o futuro imperador alemão Henrique V e o vencedor Boleslau, que intitulou aquela campanha de “a defesa da liberdade”. Entretanto, pouco tempo depois, o príncipe polonês rompeu o juramento, mandando cegar seu irmão que estava prisioneiro. Ganhou o apelido de “o Boca Torta” (em polonês: Bolesław Krzywousty).

A duradoura conquista da longa regência de Boleslau III foi a anexação da Pomerânia, incluso Gdańsk, à Polônia. Com a intenção de evitar

sangrentas disputas entre seus filhos, o duque dividiu o estado entre eles, estabelecendo o mais velho sênior, com o controle da capital Cracóvia. Esta divisão entrou em vigor após a morte do duque, em 1138. Iniciou-se o período de quase dois séculos de desintegração distrital.

Nos anos seguintes, os descendentes de Boleslau e seus sucessores, regeram determinadas partes da Polônia, algumas sofrendo novas partilhas. Os duques da Casa dos Piast firmaram alianças temporárias, disputaram entre si a primazia, algumas vezes empreendendo guerras fratricidas. Simultaneamente, foi um período de fortalecimento administrativo, da codificação das leis e, até mesmo, de desenvolvimento econômico. Os regentes abriam loteamentos em cidades e criavam aldeias, trazendo colonos frequentemente da Europa ocidental.



Tornou-se lendária a Defesa de Głogów em 1109. Esta permaneceu mesmo quando os filhos dos defensores foram amarrados às máquinas de assalto, depois de haverem sido capturados e aprisionados. (Foto fotopolska.eu)

Um papel fundamental foi atribuído aos cada vez mais numerosos conventos, fundados por duques e magnatas. Ao lado dos beneditinos presentes já no século XI, havia cistercienses, canônicos regulares, depois dominicanos e franciscanos, e também ordens milites – a Ordem Equestre do Santo Sepulcro e a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, que em pouco tempo, trouxeram aos poloneses uma série de confusões. No século XIII já havia uma rede de paróquias relativamente consistente, muitas dotadas também de escolas.

Na segunda metade do século XIII, a intenção de reunificação do Estado polonês aumentou gradualmente. Papel de fundamental importância nisto, coube a Igreja, cuja estrutura havia preservado o âmbito nacional. Grande significado teve a devoção a S. Estanislau, canonizado em 1253. Dizia-se que, assim como cresceriam os membros do bispo assassinado e esquartejado, assim cresceria novamente a Polônia. Recorria-se também à intercessão de S. Adalberto e S. Edwiges da Silésia, esta, canonizada em 1267.

A corrida pela coroa polonesa com o duque Venceslau da Boêmia foi vencida por Premislao II (em polonês: Przemysł II), regente da Grande Polônia (em polonês: Wiel-



Em 1241 a Polônia, de modo semelhante ao resto da Europa Central e Oriental, foi vitimada pela destrutiva ofensiva tártara. Na perdida Batalha de Legnica morreu Henrique “o Piedoso” (em polonês: Henryk Pobożny), o mais poderoso dos Piast de então, filho de Santa Edwiges da Silésia (em polonês: Jadwiga Śląska). (Foto Getty Museum)

kopolska) e da Pomerânia, que em 1295 tornou-se o primeiro rei da Polônia em mais de duzentos anos, apesar de sua regência abranger somente parte de seu território. Pouco depois foi assassinado, não tendo logrado fortalecer seu poder. Em 1300 a coroa passava a Venceslau II, que havia sido simultaneamente aclamado rei da Boêmia.

A última reformulação do Reino da Polônia foi realizada pelo mais perseverante de todos os pretendentes: Ladislau I “o Breve” (em polonês: Władysław Łokietek). Sua insistência, que durou mais de trinta anos, terminou vitoriosa em 1320 com a sua coroação, sendo esta, a primeira realizada em Cracóvia. Mas não teve êxito na unificação de todas as terras polonesas. Fora das fronteiras do Reino surgiu uma série de principados divididos da Silésia, cujos regentes da Casa dos Piast, em sua maioria, prestaram homenagem ao rei da Boêmia. A Pomerânia fora ocupada pe-



Santa Edwiges – esposa do duque silesiano Henrique I “o Barbudo” (em polonês: Henryk Brodaty) (os cônjuges estiveram unidos por voto de castidade pela maior parte de suas vidas), fundadora de muitas obras caritativas e religiosas, como o Convento das Irmãs Cistercienses em Trzebnica. (Foto Getty Museum)

los Cavaleiros Teutônicos e a Mazóvia manteve sua soberania. Os últimos anos de vida do idoso rei foram dedicados à defesa das fronteiras, ameaçadas pela coalizão dos Cavaleiros Teutônicos com o rei João I da Boêmia.

Após a morte de Ladislau, seu filho fora coroado, este, entrou para a história como Casimiro o Grande (em polonês: Kazimierz Wielki).

Os primeiros sucessos deste célebre monarca foram no campo da diplomacia, encerrando contestações com o regente da Boêmia e obtendo direitos sobre as terras abrangidas pela Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. Porém, conseguiu lograr somente parte delas. A tentativa de anexação da Silésia terminou em fracasso. De outra parte, Casimiro ampliou os limites orientais, anexando à Polônia, o Reino da Galícia-Volínia.



Selo de Casimiro o Grande com visível águia branca – brasão da família dos Piast, no século XIV utilizado como brasão nacional. (Foto Arquivo Nacional de Cracóvia)



Casimiro o Grande, codificou as leis e cuidou de sua observação. Foram ampliad os direitos dos judeus, que haviam obtido loteamentos na Polônia desde o final do século XI. O rei reformou a administração, construiu diversos palácios, apoiou a construção de muros defensivos ao redor das cidades e fundou igrejas. O período de sua regência trouxe significativo avanço econômico, no entanto, Casimiro não teve a sorte de gerar um filho varão. Nesta situação, após a sua morte em 1370 e seguindo o sistema anterior, a coroa polonesa foi passada ao neto de Ladislau I, o rei húngaro Luís I (em polonês: Ludwik Andegaweński).

EM BREVES PALAVRAS:

O batismo de Mieszko I em 966, deu início à história da Polônia. Tornou-se também a fonte da cultura e identidade polonesa, que foram gradualmente se cristalizando nos séculos seguintes. Durante a regência da dinastia dos Piast nasceu a ideia polonesa de liberdade, compreendida como, soberania da nação e direito das unidades, incluindo o direito de oposição diante de governanças injustas. Neste período, a Polônia teve de superar numerosas crises internas e ataques vindos de fora.

A PRIMEIRA VERDADEIRA UNIÃO NA EUROPA



pós a morte do rei Luís, os cavaleiros milites poloneses optaram por entregar a coroa a sua filha mais jovem. A coroação de Edwiges, de apenas onze anos de idade, ocorreu em 1384. A jovem rainha fora convencida de que para o bem do país deveria renunciar ao casamento anteriormente acertado. Em 1386 casou-se com o duque lituano Jogaila, que havia aceito o batismo e declarou a cristianização de seu país. Jogaila assumiu o nome Ladislau (em polonês: Władysław) e seu nome lituano passou a ser a designação da nova dinastia – a Dinastia Jaguelônica.

O casamento real antecipou o ato de união de Polónia e Lituânia. Ambas as nações travaram guerras durante muitos anos, mas gradualmente passaram a perceber ameaças comuns da parte da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. Os magnatas lituanos aspiravam alcançar posição semelhante àquela obtida nos tempos pelos cavaleiros poloneses. O batismo em tempo de paz foi um grande sucesso para a Igreja. Vários outros fatores políticos e econômicos depunham em favor da união. No século seguinte, a união foi diversas vezes renovada. Era algo excepcional naqueles tempos, uma união livre e que mantinha a soberania dos dois países, baseada em vantagens mútuas.

Utilizando os recursos financeiros anotados no testamento de Edwiges, Ladislau Jogaila renovou a Academia de Cracóvia, que fora fundada por Casi-



Ato da nova união polono-lituana, celebrada em Horodło em 1413. Esta conferia aos magnatas lituanos os direitos da cavalaria medieval polonesa. Quarenta e sete famílias nobres lituanas receberam “adoção” por famílias heráldicas polonesas. (Foto AGAD)

miro o Grande, a primeira universidade polonesa. Tornou-se rapidamente um importante centro de ensino superior e o local de formação das elites da Europa Central. Sobre o significado da instituição atesta a ativa participação de seu reitor Paweł Włodkowic no Concílio de Constança. Fez-se menção, naquele tempo, dos direitos das nações e direitos humanos.

Polônia e Lituânia, juntamente de seus suseranos, contavam com um território total de mais de um milhão de quilômetros quadrados no início do século XV. No período de apenas uma geração, os Jaguelões se encontravam no círculo das mais poderosas dinastias da Europa. A confirmação desta importância foi a coroação de Ladislau III (em polonês: Władysław Warneńczyk) (a partir de 1434 rei da Polônia) como rei da Hungria. O jovem regente entrou em guerra com a Turquia, terminada com sua morte na Batalha de Varna, em 1444. Seu sucessor no trono polonês foi



Królowa Jadwiga

1384 – 1399.

Wielka i dobra królowa. Szlachetną swą odąg umóbilna swawiercic iacikiego i potężnego państwa polskiego. Odkryciela krakowskiego uniwersytetu.

Santa Edwiges (* 1374, † 1399) – rainha da Polônia, madrinha da gente da cultura, iniciadora da tradução do Livro dos Salmos para o idioma polonês, fundadora de muitas obras religiosas e caritativas, renovadora da Universidade de Cracóvia – que herdou todos os seus bens. Famosa por sua sensibilidade para com a desgraça humana, a rainha foi canonizada pelo Papa João Paulo II. (Foto Österreichische Nationalbibliothek)



A Batalha de Grunwald foi um dos combates militares mais importantes da Idade Média. O quadro de Jan Matejko *A Batalha de Grunwald* é datado da segunda metade do século XIX.

o irmão mais jovem, Casimiro IV Jaguelão (em polonês: Kazimierz Jagiellończyk). Seu reinado durou quase meio século (de 1447 a 1492), enquanto que, desde 1440 exercia a regência da Lituânia como grão-príncipe. Casimiro fortaleceu ambas as nações. O atestado de seu poder foi a entronização de seu filho Ladislau na Boêmia e mais tarde na Hungria.

O principal desafio que se apresentava para Polônia e Lituânia era a política agressiva da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. Apesar da retumbante vitória na



(Foto Museu Nacional de Varsóvia)

Batalha de Grunwald (1410), ainda aconteceram diversos combates. A questão teve resolução final após a Guerra dos Treze Anos (1454–1466), travada por Casimiro IV Jaguelão. Após a vitória, a Polônia assumiu a Pomerânia de Gdańsk e parte da Prússia. O restante do Estado dos Cavaleiros Teutônicos passou a ser suserano polonês.

Para garantir a coroa polonesa para seus descendentes, Ladislau Jogaila e seus sucessores ampliaram sistematicamente os privilégios da nobreza, que era proveniente da cavalaria medieval. Com o passar do tempo, isto levou à formação de um regime excepcional na Europa de então, a chamada democracia da nobreza. Durante a regência de João I Alberto (em polonês: Jan I Olbracht) (1492–1501), o conselho real

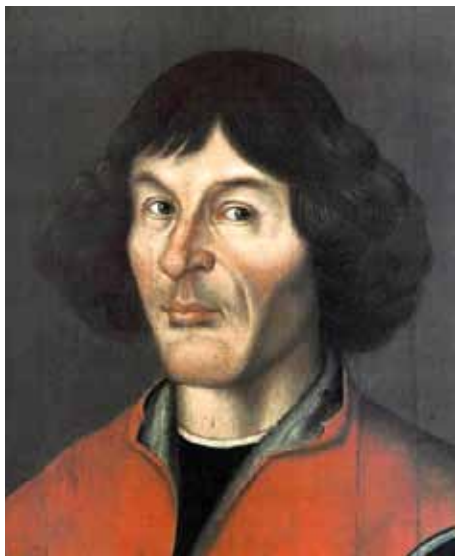


Gravura do século XVI apresentando uma assembleia da câmara baixa do parlamento. (Foto Polona.pl)

foi transformado em senado e os representantes da nobreza, que eram nomeados por assembleias próprias, formavam o Sejm, ou seja, a câmara baixa do parlamento. Já a regência de Alexandre Jaguelão (em polonês: Aleksander Jagiellończyk) (1501–1506) trouxe a constituição *Nihil novi*, que tornava as decisões reais dependentes do aval do parlamento. Considerando a numerosidade da nobreza na Polônia, a participação no exercício do poder abrangia uma excepcionalmente grande parte da sociedade, consistindo de 8 a 10 por cento desta. Alguns séculos mais tarde, como no XIX, na França apenas 1,5% da sociedade, enquanto que, na Grã-Bretanha um pouco mais do que 3%.

O último dos filhos de Casimiro IV coroado foi Sigismundo I “o Velho” (em polonês: Zygmunt Stary) (1506–1548). Sua posição foi fortalecida inicialmente pelo fato de os tronos tcheco e húngaro estarem ocupados primeiro por seu irmão Ladislau, e depois pelo sobrinho Luís (até à morte na Batalha de Mohács, em 1526). Sigismundo travou a última guerra vitoriosa contra a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, tendo,

Nicolau Copérnico (* 1473, † 1543) – astrônomo e médico, realizou seus estudos em Cracóvia, Bolonha e Pádua. Foi o criador da concepção da construção heliocêntrica do Universo. Cumpriu diversas funções na Diocese de Várnia. Em 1520 comandou a defesa do castelo de Olsztyn contra os Cavaleiros Teutônicos. (Foto Wikimedia Commons)



O Castelo Real de Wawel foi construído em estilo renascentista pelo rei Sigismundo “o Velho” e sua esposa italiana, a rainha Bona. (Foto Zygmunt Put, Wikimedia Commons)



*Stanislae beatorum O rem miram! admirandam!
Panis fertur Angelorum Escaam terris fabricandam.
Comitante Barbara. Caeli fundunt atria.
Anton. Wierx fecit et excud.*

Santo Estanislau Kostka (* 1550, † 1568) – diferenciava-se já na juventude por sua piedade. Apesar da reprovação dos pais, entrou para a Ordem dos Jesuítas e faleceu pouco tempo depois de professar os votos religiosos. Um dos padroeiros da Polônia é também, padroeiro dos estudantes e da juventude polonesa. (Foto Polona.pl)

depois da secularização desta, aceito homenagem do primeiro regente da Prússia. Travou também guerras com o Principado de Moscou, com alternância de sucessos.

O século XVI foi denominado “o Século de Ouro”. Isto resulta não somente do então poder político e econômico da Polônia e Lituânia. Este foi um período de prosperidade da cultura. Até hoje permaneceram na Polônia muitas obras da arquitetura renascentista, mesmo uma cidade assim construída desde os fundamentos – Zamość. Nesta época surgiu um dos mais célebres poetas poloneses, Jan Kochanowski. O famoso na Europa escritor político Andrzej Frycz Modrzewski apresentou o postulado da igualdade de todos os estados perante a lei. O mais célebre de todos os estudiosos da época foi Nicolau Copérnico. A impressão de livros universalizou-se rapidamente e os filhos dos nobres estudavam em academias por toda a Europa.

Sigismundo “o Velho”, tentou frear a infiltração da Reforma na Polônia. As proibições reais, entretanto, não surtiram efeito e diversas tendências protestantes conquistaram fiéis entre representantes da nobreza. Isto fez aparecer um clima de tolerância religiosa, coisa única na Europa de então.

O último rei da dinastia dos Jaguelões foi Sigismundo II Augusto (em polonês: Zygmunt II August) (1548–1572). Seu maior sucesso foi ter firmado a União de Lublin (1569), que marcou a final união da Polônia com a Lituânia. Através desta união, surgiu o estado chamado República das Duas Nações. As duas partes do país tinham em comum regência, parlamento, moeda e política externa. Foi mantida a singularidade de repartições públicas, tribunais, finanças e forças armadas. A nobreza lituana obteve os mesmos direitos da polonesa. Esta foi a primeira união de nações da história da Europa, firmada não por violência ou em razão da decisão de regentes, mas em virtude da vontade dos cidadãos.

EM BREVES PALAVRAS:

A passagem do trono polonês para os representantes da dinastia dos Jaguelões ocasionou a aceitação do batismo por parte da Lituânia e a firmação da união de ambas as nações. Na história, esta união foi excepcional pelo aspecto da liberdade dos dois países, que por um tempo formaram um só, a República das Duas Nações.



A ÉPOCA DOS REIS ELETIVOS



que mais diferenciava a *Rzeczpospolita* no contexto da Europa nos tempos modernos era o regime democrático, finalmente assentado no século XVI. Este sistema garantia participação no exercício do poder a todo o estado nobre, ou praticamente a décima parte da sociedade de então. Na Polônia seiscentista, o parlamento consistia no principal órgão governamental. O monarca era escolhido pelo geral da nobreza em assembleias eletivas.

Outra característica da 1ª República igualmente excepcional na Europa era a decretada liberdade de religião. Num tempo que no oriente a monarquia ortodoxa baseava-se no despotismo czarista e no ocidente do continente, como resultado de sangrentas guerras religiosas, a obrigatoriedade de seguir a religião do regente havia sido sancionada (a Paz de Augsburg, de 1555, introduziu o princípio *de quem a religião, dele a religião*), na Polónia reinavam princípios constitucionais completamente diferentes. Em 1573 foi firmado o acordo *Confederação de Varsóvia*, que sancionou a tolerância religiosa e o acesso igualitário às instituições – independentemente da fé professada. Este foi um evento sensacional em escala continental, ainda mais por se relacionar a um país de dimensões expressivas. Para comparação, na França este tipo de solução surgiu apenas dois séculos mais tarde – após a Revolução Francesa,



Eleição livre nos campos próximos a Varsóvia (quadro de Marcin Altomonte).
(Foto Castelo Real de Varsóvia)

em 1789. Cada novo rei eletivo devia jurar fidelidade a estes princípios. E mesmo no século seguinte – apesar da influência da contrarreforma – a Polônia seguia sendo uma nação que atraía muitos europeus que buscavam liberdade de religião.

O sistema de democracia da nobreza, afirmado no século XVI, funcionou bem por mais de um século. Nisto apoiava a excelente conjuntura econômica. Significativa porção da Europa ocidental era adquiridora de produtos da Polônia, sobretudo rurais. Isto levou ao aumento do poder aquisitivo não somente de nobreza e aristocracia, mas também de cidadãos e camponeses. Não é por acaso que o século dezesseis é conhecido como o *Século de Ouro* da nação polonesa.

A 1ª República era um dos maiores países da Europa. Nos anos '30 do século XVII, o território nacional abrangia 990 mil km². Naqueles séculos, a Polônia participou nos mais importantes conflitos entre potências daquela parte do continente: estava no caminho da dominação sueca sobre o Mar Báltico, travou diversas guerras contra Moscou, consistiu em barreira à expansão islâmica do Império Turco.

A República das Duas Nações



— A República das Duas Nações (limites de 1582)
■ Coroa do Reino da Polónia

■ Grão-Ducado da Lituânia
■ Territórios dependentes da República da Polónia
— Fronteiras contemporâneas da Polónia

Espalhou-se naquele tempo a teoria de que a 1ª República era a muralha da Europa cristã. Na arte bélica, a Polónia conseguiu com sucesso processar experiências em diferentes teatros de guerra. O efeito disto foi a formação de uma das mais poderosas armas de cavalaria da Europa – usada para destroçar unidades inimigas com peça móvel pesada – os húsares alados poloneses.

O primeiro rei eletivo após o desaparecimento da dinastia dos Jaguelões, foi o duque francês Henrique de Valois (em polonês: Henryk Walezy), que ocupou



Vitória dos húsares poloneses sobre três vezes maiores forças suecas, em 1605 em Kirchholm (*A Batalha de Kirchholm*, quadro de Wojciech Kossak).
(Foto Museu do Exército Polonês)

o trono por pouco tempo. O seguinte – nos anos entre 1576 e 1586 – o duque da Transilvânia Estêvão Bátorj (em polonês: Stefan Batory) mostrou-se um comandante extraordinário e vencedor de três rápidas campanhas contra o Grão-Principado de Moscou, cujo logro mais importante foi a ampliação das fronteiras da 1ª República para o leste e o fortalecimento do controle sobre a Livônia.

O próximo rei eletivo foi o príncipe sueco Sigismundo III Vasa (em polonês: Zygmunt III Waza), que regeu a Polônia por praticamente meio século (de 1587 a 1632). Quando Sigismundo herdou o trono da Suécia em virtude da morte de seu pai, desejou unificar sob sua regência ambos os reinos. Isto, ao lado da disputa pelas áreas da hodierna Estônia, deu início a longas guerras com a Suécia.

No início do século XVII, a 1ª República envolveu-se também em lutas internas pelo trono moscovita. Em 1610, tropas da 1ª República destroçaram as forças conjuntas russo-suecas em Kłuszyno e ocuparam Moscou. Este sucesso não foi duradouro e em 1612 a expedição polonesa capitulou no Kremlin. A guerra contra a Rússia seguiu por mais anos, até a trégua de 1619.

Nos anos entre 1620 e 1621 estourou a primeira guerra com a Turquia, com a qual a 1ª República fazia fronteira ao sul. Foi o começo de numerosos conflitos, que duraram até ao final do século XVII.



A Coluna de Sigismundo III Vasa foi erigida em Varsóvia, que por decreto seu tornou-se a capital da Polônia. (Foto Sempoo, Wikimedia Commons)



Um dos exemplos da arte barroca na Polônia e o palácio de Wilanów.
(Foto Michał Jankowski, Wikimedia Commons)

Após a morte de Sigismundo III, o trono foi ocupado por seus filhos: Ladislau IV (1632–1648) e João Casimiro (1648–1668). A vitória do primeiro sobre a Rússia, nas campanhas dos anos de 1632 a 1634, parecia solidificar a força da 1ª República nesta parte do continente. Entretanto, décadas mais tardes, na metade do século XVII, o ocaso daquela potência começava a se desenhar.

Em 1648 teve início, na área da atual Ucrânia, o levantamento dos cossacos, de efeitos catastróficos para a Polônia. Em pouco tempo estourou uma nova guerra com a Rússia, seguida da invasão sueca. A porção oriental do país foi ocupada pelos russos e praticamente todo o restante pelos suecos. O rei João II Casimiro teve de buscar abrigo na Silésia. Os planos de partilha impetrados pelos vizinhos colocaram de momento um sinal de interrogação mesmo sobre a existência da 1ª República. A heroica defesa do mosteiro de Jasna Góra foi o início do eficaz combate aos invasores suecos, que foram repelidos das terras ocupadas. Em 1656 João Casimiro professou solenemente, na Catedral de Lvov (Lwów), votos de fidelidade à Nossa Senhora, que foi anunciada Rainha da Coroa Polonesa.

O ponto final àquelas guerras com a Rússia foi colocado pelo tratado de 1686, confirmado pelo acordo de paz de 1686. As vitórias do hetman João Sobieski re-frearam os avanços dos turcos e tornaram-se para ele a via de acesso ao trono real. Já como rei da Polônia, João III Sobieski (em polonês: Jan III Sobieski) (1674–1696)



João III Sobieski na Batalha de Viena logrou bloquear definitivamente a expansão turca na Europa (*Batalha de Viena*, quadro de Marcin Altomonte).
(Foto Galeria de Arte de Lvov)

obteve, no comando da coalizão das forças polono-austriaco-alemãs, a formidável vitória na Batalha de Viena (1683), que trouxe irreparável colapso à expansão turca no interior da Europa (o tratado de paz foi finalmente firmado em 1699).

Tantas guerras destrutivas e as epidemias que as acompanhavam, causaram significativo enfraquecimento à 1ª República nas últimas décadas do século XVII. Por causa da saturação dos mercados na Europa Ocidental com a importação das colônias, a conjuntura de exportação dos produtos rurais poloneses sofrera drástico encolhimento. Ao mesmo tempo, o estado báltico da Prússia tornou-se autônomo



Santo André Bobola (1591–1657) – jesuíta polonês, patrão da Polônia, mártir, assassinado por cossacos em 1657. Autor do texto dos votos de fidelidade professados em Lvov por João Casimiro.

da suserania polonesa, passando depois de algumas décadas a ser um dos mais agressivos pretendentes das terras polonesas.

As bases regimentares que davam garantia aos direitos políticos a toda a nobreza, graças a elevada cultura nas relações institucionais, funcionaram muito bem por várias gerações no século XVI e primeira metade do XVII. Infelizmente, na segunda metade deste século, intensificou-se o processo de transformação da democracia da nobreza em oligarquia aristocrática. A nobreza média tornava-se cada vez mais dependente das grandes famílias, servindo-as como ferramenta em disputas políticas. As assembleias locais passaram a ser campos de rivalidade de oligarcas e o Estado parecia-se cada vez mais como uma frouxa federação de magnatas cujo poder e fortuna crescia.

A gradual queda da cultura política da nobreza fez que o centro do poder, que na democracia da nobreza consistia na Câmara Baixa do Parlamento, se engessasse a passos largos. A legislação do *liberum veto*, anteriormente aplicada para defesa do estado da nobreza diante de violações dos princípios da democracia, tornou-se, pela primeira vez em 1652, pretexto para a dissolução da assembleia por apenas um deputado. Dali em diante se sucedeu a desintegração das estruturas de poder. Das 44 assembleias convocadas na segunda metade do século XVII, dezessete foram dissolvidas.

Nas primeiras décadas do século XVIII, o núcleo central de poder paralisou-se completamente. Praticamente todas as assembleias foram dissolvidas. Afirmou-se a coisificação no trato para com a Polônia por parte das nações vizinhas mais fortes. Isto levou diretamente à displicência de sua soberania. As potências fronteiriças, que vinham fortificando regimes absolutistas, manifestavam interesse em tirar proveito do desgoverno e da fragilidade institucional na Polônia.

A própria entronização de Augusto II (1697–1733) ocorreu sob pressão do regente da Rússia, Pedro I. Este rei, como eletivo saxão, arrastou a Polônia para a destrutiva Guerra do Norte (1700–1721). Apesar da 1ª República formalmente não ter tomado parte no conflito, em seu território foram travados combates entre o rei da Suécia e a coalizão de Rússia, Dinamarca e Saxônia. A destruição deixada depois da guerra causou uma onda de fome e mais ruína econômica. A exportação de trigo caiu para apenas um terço do volume de cem anos antes.

As tropas russas estacionadas no território da Polônia passaram a ser um fenômeno permanente. Com o tempo passaram a se intrometer em questões internas – como na eleição do próximo regente. A Rússia garantiu o trono da Polônia a Augusto III (1733–1763). Graças a proteção russa recebida também foi eleito o último rei da Primeira República – Estanislau Augusto Poniatowski (1764–1795). A Rússia tinha intenção de manter o estado de quase protetorado sobre toda a 1ª República. De outra parte, a Prússia, que havia saído revigorada da Guerra dos Sete Anos, desejava a anexação, em primeiro lugar, da Pomerânia de Gdańsk.

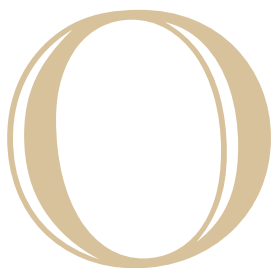
A desordem geral que tomava conta das instituições de Estado, a falta de um núcleo funcional de poder central e de forças armadas coesas fizeram que a Polônia se afundasse na anarquia. Por sua vez, Rússia, Áustria e Prússia tinham interesse em manter aquela situação de colapso político da Primeira República, tratando-a como uma espécie de área tampão. Todas as tentativas de reforma e renovação institucional e política eram imediatamente tratadas como violação de seus interesses. Por isso, as últimas décadas do século XVIII foram de conflitos, pois cada tentativa de levar-se adiante um conserto interno do país, com modernização nacional e aumento de suas forças, automaticamente atingia as relações com as potências vizinhas.

EM BREVES PALAVRAS:

No século XVII, a República das Duas Nações manteve sua potência, apesar de ser enfraquecida por numerosas guerras. No século seguinte veio a crise da democracia da nobreza. As potências vizinhas, com seu poder em ascensão e a Rússia na vanguarda, consequentemente bloquearam as tentativas de conserto no regime do país.



QUEDA E SERVIDÃO



rei Estanislau Augusto Poniatowski (em polonês: Stanisław August Poniatowski) tentou reformar o país, que se encontrava em crise. Infelizmente, porém, valia-se do apoio da Rússia, que cada vez mais profundamente exercia ingerência nas questões internas da República das Duas Nações e impedia mudanças indispensáveis. Em resposta, foi firmada em 1768 a Confederação de Bar, cujos partidários aspiravam a manutenção dos tradicionais direitos da nobreza, a dominação do catolicismo e a autonomia em relação à Rússia. Este primeiro levantamento nacional foi abafado pelo exército russo após quatro anos de luta.



Kazimierz Pułaski (* 1745, † 1779) – um dos comandantes das tropas da Confederação de Bar, mais tarde herói na Guerra da Independência dos Estados Unidos, chamado de “pai da cavalaria americana”, um dos poucos estrangeiros agraciados (após à morte) com a cidadania honorária dos EUA. (Foto Polona.pl)



Desenho francês apresentando uma alegoria da partilha da Polônia. (Foto Museu Nacional de Cracóvia)

Em 1772 ocorreu a primeira partilha da Polônia. Rússia, Prússia e Áustria repartiram entre si mais de 200 mil km² de território habitado por 4,5 milhões de pessoas.

A partilha conscientizou muitos círculos de que a Polônia estava a beira do precipício. Nos anos seguintes, graças à convocação do primeiro ministério da educação no mundo – a Comissão Nacional da Educação – foram formadas novas gerações de jovens, preparados para a luta por independência e liberdade nacional. Outras tentativas de reforma também foram empreendidas.

Em 1788 foi inaugurada a Grande Assembleia, cuja atribuição seria o conserto do país. Por ela foi promulgada, em 1791, a Constituição de Três de Maio, tentativa



O quadro de Jan Matejko *A Constituição de 3 de Maio* apresenta o momento de exaltação após à promulgação da Constituição de Três de Maio. Atualmente, o dia 3 de maio celebramos como é um dos feriados nacionais mais importantes. (Foto Museu do Castelo Real de Varsóvia)

original de introdução de modernas formas institucionais, combinando democracia da nobreza com um forte governo central e monarquia hereditária. A Constituição também dava direitos aos cidadãos e colocava os camponeses sob a proteção do Estado. Foi a primeira na Europa (segunda no mundo, depois da constituição dos EUA) legislação básica. Infelizmente, a Constituição e toda a atividade da Grande Assembleia, foram derrubadas pela intervenção armada russa.

Em 1793 teve vez a segunda partilha. Prússia e Rússia ocuparam mais de 300 km² do território polonês. No que sobrou do país iniciou-se a luta pela independência. No comando do levantamento nacional em 1794 estava Tadeusz Kościuszko – que já era reconhecido herói na Guerra de Independência dos Estados Unidos. Pela primeira vez a luta contou com o engajamento dos camponeses. A Insurreição de Kościuszko obteve vitórias iniciais, mas em seguida, teve



Fragmento de *O Panorama de Raclawice* de Jan Styka e Wojciech Kossak. Apresenta a Batalha de Raclawice, onde importante atribuição no combate coube a camponeses armados de gadanhas.



(Foto Museu Nacional de Wrocław)

Terras da Polônia partilhadas entre os invasores (1795)



República das Duas Nações no ano 1772

Partilhas (1795)



rusa



prussiana



austriaco

Fronteiras contemporâneas da Polônia



Napoleão transmite a constituição ao Principado de Varsóvia (quadro de Marcello Bacciarelli). (Foto Museu Nacional de Varsóvia)

de recuar diante da vantagem dos exércitos russo e prussiano. A derrota resultou na terceira e definitiva partilha da Polônia, que por 123 anos permaneceu riscada do mapa da Europa.

Entretanto, os poloneses não abandonaram a ideia de recuperação da independência. As esperanças aumentaram na relação com a França e Napoleão Bonaparte. Em 1797 foram formados na Itália as Legiões Polonesas, comandadas pelo General Henryk Dąbrowski. Sua canção *Mazurek Dąbrowskiego* tornou-se o Hino Nacional da Polônia. Chances reais de reconquista da independência surgiram junto com as vitórias de Napoleão nas guerras contra Prússia, Áustria e, mais tarde, Rússia. Nos anos entre 1807 e 1815 vigorou o Principado de Varsóvia, autônomo



Durante o Levantamento de Novembro 1831 surgiu o mote “Pela liberdade nossa e vossa”, que acompanhou os poloneses na luta pela liberdade nos próximos 150 anos. Na foto: um estandarte com este mote, no verso escrito em polonês e no reverso em russo e contendo a invocação “Em nome de Deus”. (Foto Museu do Exército Polonês)

e dependente da França, que deveria consistir na base para a restauração da Polônia. Apesar do grande esforço militar e financeiro dos poloneses, a derrota do imperador dos franceses na guerra contra a Rússia arruinou os planos.

Os destinos da Europa foram decididos pelos vencedores. O Congresso de Viena (1815) efetuou nova partição das terras polonesas. Mais território foi atribuído à Rússia, que neste âmbito criou o Reino da Polônia, com autonomia limitada e força militar própria. A autonomia foi aproveitada para o desenvolvimento econômico, educacional e científico. Porém, não tardou para que censura e repressão crescessem, em descumprimento dos dispositivos constitucionais. A resposta foi



Após a queda do Levantamento de Novembro, refugiados poloneses foram entusiasmadamente acolhidos em muitos países da Europa. (Foto Polona.pl)

o surgimento, no Reino da Polônia e em outras partes do território sob ocupação russa, organizações conspiratórias de cunho patriótico. Seus membros sofreram brutalíssima repressão.

Em 1830, um grupo de jovens suboficiais declarou o Levantamento de Novembro. Após alguns impasses, uniram-se a ele elites políticas e militares. O Levantamento estourou também na Lituânia. Mas as forças polonesas não tinham



Artur Grottger é o autor do emocionante gráfico que apresenta cenas do Levantamento de Janeiro. Aqui *A Batalha*, do ciclo *Polônia*. (Foto Polona.pl)

condições de fazer oposição efetiva às numerosas tropas russas e o esperado apoio britânico e francês não aconteceu. Os russos terminaram por esmagar o movimento no outono de 1831.

A queda do levante foi sucedida por repressões massivas, a liquidação da autonomia do Reino da Polônia e a fuga do país de dezenas de milhares de soldados e ativistas políticos. Eles entraram para a história como a Grande Emigração. Os emigrantes empreenderam numerosas iniciativas políticas e buscaram aliados para as causas polonesas. Apoiaram todos àqueles que combateram as potências ocupantes. Durante a revolução dos anos 1848–1849, o Gen. Józef Bem foi um dos comandantes das tropas húngaras em luta contra a coalizão de tropas austríacas e russas. Cerca de três mil poloneses se alistaram para lutar ao lado dos húngaros. Os poloneses foram reconhecidos por muitos como símbolos da luta pela liberdade.

Entre os participantes da Grande Emigração acharam-se não somente soldados, mas também gente do mundo da cultura. Para a França se encaminharam os célebres poetas Adam Mickiewicz, Juliusz Słowacki e Cyprian Norwid. Fryderyk Chopin compôs na emigração. Após a morte do compositor, seu coração foi sigilosamente levado à Polônia e depositado na igreja da Santa Cruz, em Varsóvia.

Além do empreendimento de lutas armadas, tratou-se do cuidado com o desenvolvimento econômico e a universalização da educação. Um importante papel foi cumprido pela Igreja, a única instituição que unia os poloneses além das fronteiras das áreas ocupadas. Os ocupantes liquidaram muitos conventos, confiscaram bens da Igreja, interromperam o contato dos bispos com Roma. Deste modo, o destino da nação polonesa mais uma vez se entrelaçou com o destino da Igreja.

Em 1863 eclodiu o Levantamento de Janeiro. Tinha caráter de guerra de guerrilha. Os levantinos agrediram as forças russas em mais de mil combates e escara-

Santo Irmão Alberto
(Adam Chmielowski,
* 1846, † 1916) – pintor,
participante do Levantamento de Janeiro,
franciscano da Ordem Terceira. Famoso pelo cuidado prestado a pessoas pobres e em situação de rua. Fundador da Congregação de Santo Alberto e da Ordem das Irmãs Albertinianas.



muças. Foi criado o estado clandestino com governo e complexa administração conspiratória. Do exterior eram enviadas armas. Vieram também divisões voluntárias de italianos, húngaros e franceses, que se integraram à luta. Também houve o engajamento de muitos religiosos nos combates: o padre Stanisław Brzóska comandou a última unidade até dezembro de 1864. Entre os envolvidos com o levantamento há três posteriormente santos: o Arcebispo de Varsóvia Zygmunt Szczęśny Feliński, condenado por divulgar carta em defesa dos compatriotas, o carmelita Rafał Kalinowski e Adam Chmielowski. Os líderes da luta, com Romuald Traugutt na vanguarda, foram condenados à morte pelos russos e executados nas encostas da Cidadela de Varsóvia.

A queda do levantamento trouxe outra onda de repressão. Milhares de pessoas foram mortas, dezenas de milhares expatriadas para a Sibéria e tiveram seus



Brama Straceń, ou Portal da Morte da Cidadela de Varsóvia.
A partir dos anos os sessenta do século XIX foi local de numerosas
execuções de patriotas poloneses.
(Foto Maciej Szczepańczyk, Wikimedia Commons)



São José Sebastião Pelczar (* 1842, † 1924) – teólogo, professor e reitor da Universidade Jaguelônica, bispo de Przemyśl. Líder social, fundador de muitas obras caritativas, autor de numerosas publicações religiosas, fundador da Congregação das Servas do Sagrado Coração de Jesus.
(Foto Arquivo das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus)

bens confiscados. Na zona de ocupação russa foi reforçada a russificação da sociedade polonesa. O mesmo na zona prussiana com a germanização – dentro do programa chamado *Kulturkampf* – também com combate ao catolicismo. Terras foram expropriadas dos agricultores poloneses. Em ambas as ocupações, a língua polonesa fora subtraída das escolas. A greve das crianças de Września em 1901,

que se recusaram a rezar em alemão, tornou-se célebre. Na ocupação russa foi desenvolvido um sistema de educação secreto. Neste contexto salientou-se a zona de ocupação austríaca, que obteve grande autonomia. Isto possibilitou, pelo menos naquele território, o desenvolvimento da cultura e educação polonesa.

No final do século XIX surgiram nas terras polonesas modernos movimentos políticos – populares, socialistas, nacional-democráticos e mais tarde democracia cristã. Eles conduziram políticas diversificadas em relação aos ocupantes, na maioria, buscando aproveitar as oportunidades de participação em eleições que surgiam. Atividades conspiratórias foram empreendidas pelos socialistas na área de ocupação russa, que acabaram por se engajar na revolução de 1905. Um dos líderes deste movimento foi Józef Piłsudski, que buscava um acordo entre ideias de igualdade social com a ideia de independência. Com o tempo, o movimento passou para a área de ocupação austríaca, onde coordenou organizações tanto conspiratórias quanto explícitas e que tinham por incumbência, em circunstâncias favoráveis, empreender lutas em prol da independência.

O final do século XIX e início do XX foi mais um período de prosperidade da cultura polonesa. Foi intenso o trabalho de célebres poetas e escritores. Em 1905 Henryk Sienkiewicz foi agraciado com o Prêmio Nobel. Também foi um tempo de luz para a pintura polonesa. Artistas como Jan Matejko, Jan Styka e Jacek Malczewski colocaram em suas telas temas históricos e patrióticos. A gente da ciência desenvolveu com mais frequência seu talento fora do país, como aconteceu com Maria Skłodowska-Curie.

EM BREVES PALAVRAS:

A tentativa de reforma nacional não teve sucesso em razão da agressão da Rússia. A Polônia foi repartida entre as três potências ocupantes. Nos anos seguintes, os poloneses empreenderam diversas vezes lutas em prol da independência.



Maria Skłodowska-Curie (* 1867, † 1934) – química e física, pioneira da radioquímica, única mulher agraciada com o Prêmio Nobel por duas vezes e único cientista a receber tal honraria em duas áreas diferentes. Participou secretamente de palestras em Varsóvia e concluiu sua formação acadêmica em Paris, onde seguiu carreira na pesquisa. (Foto Tekniska Museet)



Bojinski

A POLÔNIA RENASCIDA



eclosão da 1ª Guerra Mundial em 1914 dividiu os impérios invasores em dois blocos inimigos. A Rússia estava aliada a França e Grã-Bretanha. Alemanha e Império Austro-Húngaro achavam-se na aliança dos chamados países centrais.

Era possível encontrar poloneses submetidos em todos os exércitos dos ocupantes: russo, alemão e austríaco. Durante a guerra não raro, foram forçados a travar combates fratricidas. Graças à autonomia galiciana, conquistada anos antes e que dava aos poloneses, liberdades nacionais e cidadãs, na área da ocupação austríaca por muitos anos se desenvolveu a atividade paramilitar polonesa. Elas foram a base para a criação, ao lado do exército austríaco, das Legiões Polonesas. Advertiu-se que as Legiões deveriam lutar somente contra a Rússia. Estas formações tornaram-se o preâmbulo do futuro Exército Polonês.

O comandante de uma das brigadas legionárias era Józef Piłsudski, que de modo independente das nações centrais criou a secreta Organização Militar Polonesa. Por consequência, propôs o postulado da independência. Após sucessos iniciais da ofensiva russa sobre a Galícia em 1915, as tropas czaristas foram repelidas não somente desta província, mas também do Reino do Congresso e de significativas porções do antigo Grande Ducado da Lituânia. As nações centrais, que



Soldados das Legiões Polonesas durante exercícios em 1915. (Foto Polona.pl)

faziam questão de obter recrutas poloneses, finalmente apresentaram, em 1916, a questão polonesa na arena internacional.

Em 1917 o czar foi derrubado na Rússia. O novo governo daquele país declarou aceitação à reconstituição da Polônia, desde que em união com a Rússia. No Ocidente, os impérios reconheceram o Comitê Nacional Polonês liderador por Roman Dmowski como representação oficial dos poloneses. Surgiram também unidades militares polonesas: na Rússia e na França ("Exército Azul"). Juntamente de outras formações criadas em diferentes períodos pelas nações centrais, tornaram-se o cerne das forças armadas polonesas no momento da recuperação da independência, em 1918. Józef Piłsudski voltou à Varsóvia – ladeado pela lenda de homem combatente pela independência contra a Rússia e no último ano da guerra, também prisioneiro dos alemães.

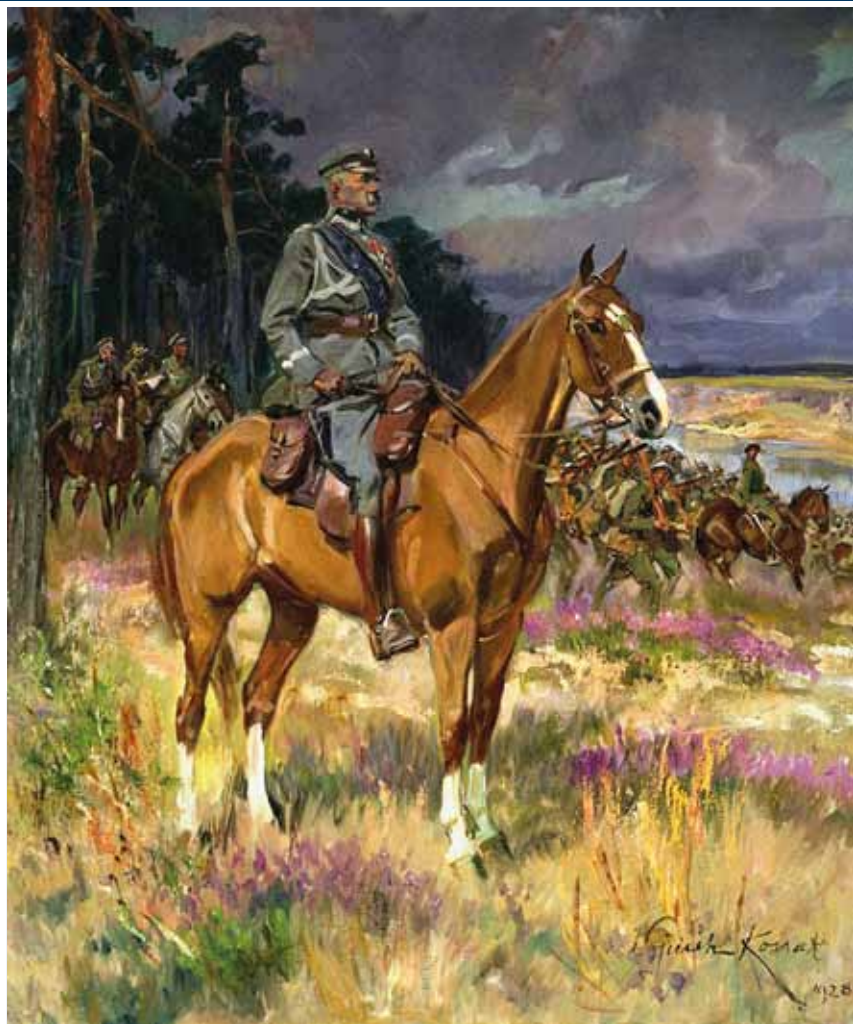
Piłsudski proclamou a República da Polônia e assumiu a função de Chefe de Estado Provisório. Uma de suas primeiras decisões foi anunciar livres e irrestritas eleições, determinadas para janeiro de 1919. Esta ação foi definida apesar de a administração polonesa abranger apenas uma parte das terras nacionais: parte do Reino do Congresso e a faixa ocidental da Galícia. Ocorreu o acordo com o Comitê Nacional Polonês e o reconhecimento da nação pelas potências vencedoras.



O Desarmamento dos Alemães em Varsóvia, quadro de Stanisław Bagiński apresentando a recuperação da independência de 11 de novembro de 1918.
(Foto Museu do Exército Polonês)

Estava claro que a questão das fronteiras ocidentais dependeria, sobretudo, da disputa diplomática pelos interesses poloneses por parte da delegação da Polônia durante a reunião do Congresso de Paz de Paris. Graças ao Levantamento da Wielkopolska, que eclodiu em dezembro de 1918, esta região foi reanexada à Polônia. Em seguida, as três revoltas silesianas, que ocorreram entre 1919 e 1921 e que levaram à concessão à Polônia da parte oriental da industrializada Alta Silésia. Conforme os dizeres do Tratado de Versalhes, coube finalmente à Polônia a Pomerânia de Gdańsk, concedendo à República acesso ao Mar Báltico. Como efeito das discrepâncias anglo-francesas sobre Gdańsk, foi estabelecida a Cidade Livre sob proteção administrativa da Liga das Nações e com especiais cuidados aos direitos da Polônia.

Nos limites orientais as questões foram resolvidas somente com esforço militar. As primeiras – pois já em novembro de 1918 – foram as lutas por Lvov. Os combates terminaram no verão de 1919 com a expulsão das tropas ucranianas



Józef Piłsudski Montado em Kasztanka (quadro de Wojciech Kossak).
(Foto Museu Nacional de Varsóvia)

do território da Galícia. Após as tropas em recuo seguirem as forças alemãs, repelidas pelo Exército Vermelho em 1918. Este tinha por objetivo recuperar alguns antigos territórios do Império Russo e levar a ideologia revolucionária até à Alemanha. Conforme a concepção de Lênin, a ocupação da Alemanha seria a chave para a revolução bolchevique em todo o continente europeu, e consequentemente – para o mundo todo. A Polônia consistia na última barreira entre o bolchevismo russo e o resto da Europa. O primeiro contato beligerante do Exército Vermelho que avançava para o Ocidente com as unidades polonesas, ocorreu em janeiro de 1919. Aqueles combates iniciaram uma guerra de dois anos, colocando em jogo não somente a continuidade das fronteiras orientais da Polônia, mas a sua própria existência como país independente e livre da servidão totalitária.

Após a ofensiva da primavera de 1919, o Exército Polonês libertou o Palatinado de Vilno, habitado em 90% por poloneses, e repeliu os bolcheviques para o leste. Piłsudski considerou que deveria ajudar a recém-criada dos escombros República Popular Ucrâniana, cujo território já estava praticamente todo ocupado por bolcheviques. Os soviéticos prepararam uma ofensiva contra a Polônia na primavera de 1920. Os poloneses, em aliança com os ucranianos, anteciparam o ataque e empreenderam ofensiva contra Kiev. Os bolcheviques tiveram de retroceder, mas não tiveram suas forças destruídas. Uma nova ofensiva bolchevique forçou os poloneses a um retorno à linha do Vístula. E lá foi travado um feroz combate onde, graças à ousada manobra de agosto de 1920, os poloneses destroçaram as tropas bolcheviques, a Batalha de Varsóvia. Significou uma grande mudança nos destinos da guerra e também o fim da marcha bolchevique para a conquista da Europa. Seguiu-se a grande Batalha do Rio Niemen em setembro de 1920, que sacramentou a vitória polonesa. O conflito foi finalmente encerrado com a assinatura do Tratado de Riga de 1921, onde foi definido o curso da fronteira polono-soviética.

Durante a guerra contra os bolcheviques, foi disputada a questão polono-lituana sobre o Palatinado de Vilno e a cidade de mesmo nome. Os soviéticos haviam atribuído aquele território à Lituânia no mesmo momento em que suas tropas haviam encontrado dura resistência das forças polonesas e retrocedido para leste. No final, aquela região, em outubro de 1920, foi ocupada por divisões do Exército Polonês formadas por habitantes do Palatinado de Vilno. Em seguida, foram lá organizadas eleições livres legislativas para a Assembleia de Vilno, que decidiu por integrar a região à Polônia.

Segunda República Polaca no período entre guerras



— Limites dos distritos

Consta também entre os pontos inflamáveis, o conflito com a Tchecoslováquia. Tirando partido de a Polónia estar empenhada na guerra com os bolcheviques, tropas tchecas entraram na Silésia de Cieszyn, anteriormente repartida amistosamente e segundo critérios etnográficos por conselhos nacionais

locais de representação polonesa e tcheca. O conflito foi solucionado por intervenção das potências ocidentais, que determinaram a linha sobre o chamado Zaolzie, território habitado por poloneses. Isto se tornou uma brasa ardente nas questões polono-tchecoslovacas, que se arrastaram por todo o período entre guerras. Alguns anos depois, num momento de crise da nação tchecoslovaca em 1938, a Polônia, através de um ultimato, forçou a aprovação de Praga na devolução do Zaolzie.

A Polônia foi restaurada como Estado com território de 388 mil km². No período entre guerras, sua população passou de 27 milhões, em 1921, para 35 milhões em 1939. Era o maior país entre todos aqueles renascidos após a 1ª Guerra Mundial ou que apareceram no mapa da Europa pela primeira vez como resultado da chamada reorganização de Versalhes.

A população do país consistia em 69% de poloneses. As numerosas minorias nacionais eram um dos problemas da República. Entre as maiores minorias estavam os ucranianos, que viviam nas voivodias do Sudeste, e os judeus, estes espalhados por toda a Polônia. Havia percentuais de bielorrussos e alemães. Durante todo o período entre guerras não foi possível desenvolver uma política racional e estável em relação às minorias.

A Polônia foi restaurada como país democrático. A constituição de 1921 criou um sistema parlamentarista de gabinete. A República fazia parte do pouco numeroso grupo de nações europeias que já em 1918 concedia totais direitos eleitorais às mulheres (a Grã-Bretanha deu às mulheres igualdade e totais direitos eleitorais



Władysław Stanisław Reymont
(* 1867, † 1925) – ganhador do Prêmio Nobel
de literatura em 1924.
(Foto Library of Congress)



O Marechal Piłsudski cercado por oficiais no dia de seu onomástico em Sulejówek, 1925. (Foto Arquivo Digital Nacional)

somente 10 anos mais tarde. A França o fez somente nos anos quarenta, enquanto que a Suíça – nos anos setenta do século XX).

O maior desafio para o novo estado polonês foi a recuperação de três diferentes distritos ocupados, que por mais de cem anos fizeram parte de outros organismos nacionais. Estas áreas, através dos anos, conformaram-se em partes de organismos administrativos e econômicos unânimes: o intercâmbio comercial baseava-se sobretudo nos mercados dos países dos quais faziam parte. A revolução bolchevique eliminou a possibilidade de comerciar normalmente com a Rússia. A Alemanha, para gerar uma crise econômica na Polônia, até 1925 empenhou-se em levar adiante uma guerra cambial.

Mesmo com as dificuldades, a restauração do país da destruição da guerra andou rapidamente e, depois do período da hiperinflação, foi possível criar uma moeda polonesa forte.

Nos anos vinte, a instabilidade da maioria na Câmara e as frequentes mudanças de gabinete, influenciaram na generalização da ideia de que era necessário

ter um poder executivo forte. Sobre a necessidade de mudanças diziam praticamente todos os grupos políticos. Por isso a reviravolta empreendida por Piłsudski em 1926, apesar de ter caráter de golpe militar de estado, foi sancionada pelo parlamento, este eleito anos antes em pleito livre.

Apesar da limitação nos princípios da democracia e de governos baseados na autoridade do marechal Piłsudski na Polônia, diferentemente da maioria dos países da região, não houve fechamento dos partidos de oposição nem da imprensa ligada a grupos que contrariavam a política do governo. Mesmo com os diversos conflitos e exageros de governantes, partidos políticos de esquerda, centro e direita de oposição, tinham liberdade de funcionamento. A Polônia, do ponto de vista regimental, ainda parecia ser mais uma democracia ocidental do que uma das ditaduras que já estavam em vigor no continente. Em 1935 foi promulgada a nova Constituição da República da Polônia, que atribuía ao Presidente da República o poder mais importante no governo nacional.



Jan Czochralski (* 1885, † 1953) – químico, criador do método de cristalização de silício, a base para a fabricação de microprocessadores. (Foto Arquivo Digital Nacional)

Na política externa, a Polônia teve que, sobretudo, lidar com a vizinhança de dois grandes países: a totalitária União Soviética governada primeiramente por Lênin e depois por Stalin, e a Alemanha, que a partir de 1933 construiu o seu próprio modelo totalitário sob o comando de Adolf Hitler. Ambas as nações, onde vigoravam sistemas extremamente centralizados de poder, manifestavam hostilidade à “ordem de Versalhes”. Ambas consideravam a Polónia um empecilho na realização de seus objetivos ideológicos de longo prazo. Para Stalin, a República impossibilitava os planos de ampliação da revolução para a Alemanha e todo o continente. Para Hitler, a Polónia limitava as posses alemãs no Leste e era uma barreira para os planos nacional-socialistas de reobter áreas alemãs de loteamento (*Lebensraum*).

Em tal situação, a Polônia assumiu o princípio de distância equilibrada nas relações com as duas potências agressivas. Entendia que por motivo da diferença de potenciais populacionais, econômicos e, finalmente nos anos trinta, também militares, uma união mais próxima com uma destas potências, significaria concordar com a perda da soberania. Com ambas estas nações a Polônia firmou pactos de não-agressão.

Foram tomadas iniciativas que visavam criar bases para o desenvolvimento da economia polonesa. Pelo fato de Gdańsk ter sido tornada Cidade Livre, era importantíssimo construir um novo porto na pequena porção de litoral que cabia à Polônia. Em pouco tempo Gdynia passou de uma pequena aldeia de pescadores a uma das maiores cidades da Polônia. O porto que lá foi construído nos anos trinta desde os fundamentos, era o mais moderno centro de carga e descarga de todo o Báltico.

Na parte central do país foi iniciada a construção do Distrito Industrial Central, onde mais de 100 mil pessoas estavam empregadas. Haveria de ser, a base do desenvolvimento econômico da Polônia e princípio de uma indústria bélica atualizada.



Manifestação contra a Alemanha em 1939. Na bandeira:
"Alemães – fora das terras polonesas".
(Foto H. Zieliński, *Historia Polski 1914–1939*, Wrocław 1982, s. 278)



Santa Faustina (* 1905, † 1938) – irmã religiosa, mística. Por causa das aparições foi a iniciadora do culto da Misericórdia Divina.

Este empreendimento (e muitos outros) deveria conduzir à transformação de um país agrário numa nação de economia moderna baseada na industrialização.

Sucedeu-se um multilateral desenvolvimento da pesquisa – as instituições superiores de ensino polonesas, como a Universidade Jaguelônica, a Universidade de Varsóvia, a Universidade João Casimiro e a Politécnica de Lvov faziam parte da elite europeia educacional.

A Polônia mantinha um dos mais possantes exércitos europeus, apesar das muitas mudanças de seu potencial econômico e das possibilidades financeiras. Mesmo assim, suas tropas eram numericamente bem inferiores às alemãs. Na segunda metade dos anos trinta, mesmo com a modernização em grande escala das forças armadas, a Polônia não

logrou alcançar o mesmo nível bélico da Alemanha. Por isso, buscava solucionar os problemas com sua segurança em alianças militares com as maiores potências da Europa Ocidental – França e Grã-Bretanha.

EM BREVES PALAVRAS:

A Polônia recuperou a independência em 1918 graças à quebra de todos os países ocupantes e aos esforços dos próprios poloneses. A vitória polonesa sobre os bolcheviques em 1920 salvou não somente a Polônia da perda da independência, mas também impossibilitou que o Exército Vermelho espalhasse o comunismo por toda a Europa.

POLAND



FIRST TO FIGHT

A POLÔNIA EM COMBATE



Polônia foi o primeiro país a se opor em armas a Hitler. Sua resistência pôs fim às invasões de paz empreendidas pela Alemanha. Transformou a agressão num conflito internacional que culminou com a derrota do Terceiro Reich.

Em maio de 1939 a Polônia rejeitou unanimemente as solicitações territoriais alemãs. A República não estava condenada à derrota. Tinha aliados – França e Grã-Bretanha. Os acordos mútuos garantiam reação ao país de Hitler. Após um ataque da Alemanha contra a Polônia as forças francesas deveriam iniciar imediatamente atividades aéreas; em três dias, passar a “atividades ofensivas de objetivos limitados”; em quinze dias “iniciar, com as forças principais, atividades ofensivas contra a Alemanha”. O acordo polono-britânico dizia declaradamente que em caso de ataque da Alemanha “todo o tipo de ajuda e apoio” seria empregado incondicionalmente.

Enquanto isso, a inimizade em relação à Polônia unia as potências totalitárias vizinhas. No dia 23 de agosto de 1919 foi firmado o Pacto Ribbentrop-Molotov de protocolo secreto, que definiu como plano a partilha da Polônia e de outros países entre URSS e a Alemanha.

No dia 1º de setembro de 1939 a Alemanha atacou a Polônia a partir do Oeste, do Norte e – em conjunto com a Eslováquia – do Sul. A dura resistência da Polônia

A invasão da Polônia em setembro de 1939



fez que em 3 de setembro de 1939, França e Grã-Bretanha declarassem guerra ao Terceiro Reich. Isto deveria ser a introdução da ofensiva militar.

O potencial militar conjunto dos três aliados era maior do que o da Alemanha. Os alemães haviam empregado toda a sua força contra a Polónia. No Oeste, na fronteira com a França, possuíam unidades relativamente pequenas e mal aparelhadas. Um ataque francês com apoio aéreo britânico forçá-los-ia a repartir

as tropas para os dois fronts. Mas aquelas nações não cumpriram as obrigações derivadas da aliança. “Nós só não fomos derrotados já em 1939 graças ao fato de que, durante a campanha contra a Polônia, cerca de 110 divisões francesas e britânicas terem permanecido passivas diante de 23 divisões alemãs” – afirmou mais tarde o general alemão Alfred Jodl. A inércia de França e Grã-Bretanha pôs a perder a chance de derrotar rapidamente a Alemanha, além de diminuir as forças de coalizão em pelo menos um milhão de soldados das tropas polonesas.

Durante tal situação, a Polônia foi atacada pelo Leste pela URSS. No dia 17 de setembro de 1939 o Exército Vermelho lançou-se contra a República, que estava dando combate aos alemães, ao longo de toda a linha de fronteira. Nação alguma fez algo para impedir estes golpes. A Polônia lutou sozinha e com determinação por mais de cinco semanas. As perdas materiais alemãs foram tão altas na Polônia que impossibilitaram a sequência imediata de suas atividades armadas contra o ocidente europeu em 1939.

A medida da resistência polonesa foi compreendida somente alguns meses mais tarde: após a queda da França, que possuía situação geográfica bem mais



Varsóvia repelia ataques alemães até 28 de setembro de 1939.
Na foto: o Castelo Real de Varsóvia em chagas após ataque aéreo dos alemães.
(Foto Arquivo Digital Nacional)



Pilotos da Divisão polonesa 303 na Grã-Bretanha.
(Foto Imperial War Museums)

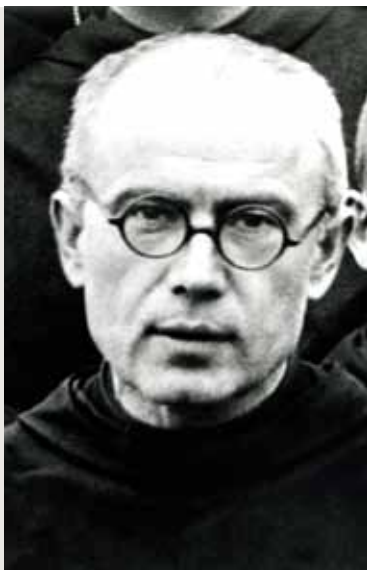
confortável, dispunha de forças armadas muitas vezes mais fortes e atuava em conjunto com tropas de Grã-Bretanha, Bélgica e Holanda, mas que lutou por somente seis semanas e meia.

A República não capitulou. Permaneceu como uma parte em combate e como membro da coalizão contra os alemães, dos primeiros aos últimos momentos da guerra. Em momento algum tomou posição de colaboração com a Alemanha, e por isto pagou altíssimo preço.

O Governo da República encontrou sede provisória na aliada França, e depois de sua queda em 1940 – na Grã-Bretanha. Foi mantida a continuidade jurídica do Estado polonês, que foi na arena internacional o único disponente legal do território e representante jurídico dos cidadãos da República da Polônia.

A Polônia reobteve parte de suas forças armadas no território da França. Na primavera de 1940, divisões e embarcações de combate polonesas tomaram parte nos combates pela liberdade da Noruega (como na Batalha do Narvik). Neste mesmo ano, soldados poloneses lutaram em defesa da França, como no Sarre, no canal

São Maximiliano Maria Kolbe
(* 1894, † 1941) – franciscano,
missionário e mártir, prisioneiro
no campo de concentração alemão
de Auschwitz, condenado
ao bunker da fome,
entregou-se livremente
à morte em troca
de outro prisioneiro.



do Marne-Reno, no Lagarde, no rio Somme, em Champagne e em outras regiões. Aviadores poloneses defenderam a Bélgica e o norte da França, fazendo a cobertura de Paris e outras cidades. Após a capitulação da França, somente uma parte das tropas polonesas puderam ser transferidas juntamente com os governantes da República para a Grã-Bretanha.

Nas Ilhas Britânicas foram novamente reorganizadas as Forças Armadas Polonesas. Além das forças terrestres, foram formadas, entre outras, divisões polonesas de caça e bombardeio. Estas tomaram parte inicialmente na proteção da ilha, passando mais tarde para combates e ataques aéreos empreendidos em diversas partes do continente. Os pilotos poloneses lograram abater 12% da aviação alemã empregada na Batalha pela Grã-Bretanha.

Nos anos entre 1941 e 1942 soldados poloneses combateram também na África, especialmente na defesa de Tobruk.

Enquanto isso, Alemanha e União Soviética partilhavam entre si o território da Polônia. As terras ocidentais e nortenhas foram diretamente incorporadas ao território alemão. Na Polônia central, Hitler estabeleceu a Governadoria Geral. A parte fronteiriça ao sul encontrou-se por cinco anos sob ocupação eslovaca. Mais da

metade da Polônia fora ocupada pela União Soviética, integrando seu território às repúblicas da Ucrânia e da Bielorrússia. A Região de Vilno fora primeiramente concedido por Moscou à Lituânia, para onde enviou suas tropas e, meses mais tarde, transformou-a em nação incorporada à URSS.

O terror dos alemães atingiu a todas as classes da sociedade polonesa. Já no outono de 1939, os ocupantes levaram a cabo massivas execuções da população. Com especial ódio tratavam os judeus. Com o tempo, conduziram toda a população judaica para guetos que organizaram em diversas cidades, como Varsóvia. Era o prelúdio do posterior Holocausto. Com fúria os ocupantes cortaram a inteligência polonesa – estavam determinados a liquidar com a “camada das lideranças”. Com este objetivo liquidaram com o sistema educacional polonês – permitiam somente a obtenção da escolaridade fundamental e profissionalizante.

Aos territórios diretamente integrados ao Reich intentavam dar características puramente alemãs. Por isso, já nos primeiros meses, os ocupantes alemães empreenderam massivas ações de expulsão de pelo menos meio milhão de poloneses.



Exumação dos oficiais poloneses assassinados em 1940 pelos soviéticos em Katyn. (Foto Museu de Katyn)

O terror alemão sobre a população polonesa aumentou a cada ano. Em diversos tipos de ações de pacificação os alemães incendiaram centenas de aldeias polonesas, realizando matanças coletivas da população civil.

Indescritível terror foi vivenciado também pelos habitantes das terras ocupadas pela URSS. Ainda no outono de 1939 os soviéticos deportaram para o interior da URSS dezenas de milhares de cidadãos em atos de limpeza das “áreas transfronteiriças”. Nos anos 1940 e 1941 organizaram quatro massivas ondas de deportação de cidadãos da República para campos no interior profundo da URSS. Além disso, diariamente e de modo sistemático realizavam detenções, transferências de pessoas e mesmo famílias inteiras e maiores grupos humanos. Em suma, a repressão abrangeu pelo menos 400 mil pessoas, em primeiro plano da elite social – inteligência, dignitários e funcionários públicos, juntamente de suas famílias. Os soviéticos os obrigaram a viver em condições deploráveis e a trabalhar em regime de escravidão, o que levou a uma enorme mortalidade.

Em março de 1940 o governo soviético determinou algo sem precedentes na história mundial: o assassinato de mais de 20 mil oficiais, policiais e autoridades públicas polonesas, que até então estavam detidos em campos e prisões da NKVD. Este genocídio passou à história como o crime de Katyn.

Apesar destes golpes, os poloneses não perderam a esperança na vitória final. Com a aprovação do governo da República, em todo o país ocupado foram construídas estruturas nacionais de conspiração – o Estado Subterrâneo Polonês. Organizaram vida conspiratória em escala jamais encontrada em países ocupados. Sob o comando da administração civil secreta (Delegação de Governo para o País) funcionaram autoridades conspiratórias locais. Foi montado na clandestinidade o sucedâneo do parlamento polonês (Conselho de Unidade Nacional), que recriou às escondidas os maiores partidos políticos. O Delegado de Governo para o País tornou-se também o vice-chanceler da República.



“Poland – first to fight”, 1942, o cartaz Marek Żuławski.



Soldados da divisão de combate do Exército Nacional (AK)



(Foto A Biblioteca Pública Regional de Lublin)

Terras polaca sob a ocupação nos anos 1939–1941



— Fronteiras da Polônia a 1 de setembro de 1939

OCUPAÇÃO alemã

■ Território incluído diretamente a Reich

■ Governo Geral

■ OCUPAÇÃO soviética

■ Região de Vilno entregue pelos soviéticos à Lituânia e junto com ela incorporado pela União Soviética no ano 1940

■ OCUPAÇÃO eslovaca

Linha da divisão da Polônia entre União Soviética e Alemanha

..... Definida no Pacto Molotov-Ribbentrop a 23 de agosto de 1939

..... Linha de demarcação definida em 28 de setembro de 1939

Terras polaca sob a ocupação nos anos 1941–1944



— Fronteiras da Polónia a 1 de setembro de 1939

OCUPAÇÃO alemã

Território incluído diretamente a Reich

Governo Geral

Comarca de Białystok

Territórios incluídos no Comissariado do Reich da Ucrânia e no Comissariado do Reich para as terras de Leste

Alemanha antes de 1 de setembro de 1939

OCUPAÇÃO eslovaca

As forças de combate criadas na conspiração tomaram finalmente o nome de Exército Nacional (AK). Naquelas fileiras se encontraram 350 mil pessoas. As estruturas de terreno da AK abrangeram todas as voivodias, municípios e distritos do território do país sob ocupação.

Os poloneses construíram também uma rede conspiratória de ensino. Apesar das proibições alemãs e das punições draconianas, abrangiam a um enorme número de crianças e jovens. Havia igualmente atividade de universidades secretas. Estava em andamento a vida científica e cultural na conspiração. Um grande alcance foi mostrado pelas gráficas e editoras clandestinas, que mesmo sob risco de morte imprimiam revistas mensais e semanais e até mesmo jornais diários.

No estado subterrâneo funcionava também o sistema judiciário polonês. Tribunais militares e civis realizavam julgamentos de traidores e confidentes. A pena de morte fora aplicada a criminosos comuns e àqueles que para obtenção de proveito pessoal entregavam aos alemães concidadãos escondidos.

A Inteligência e Contra-Inteligência da AK funcionou. Eram enviadas sistematicamente informações aos aliados ocidentais acerca da movimentação de tropas alemãs em apoio ao front oriental. Foram identificados os preparativos alemães para a produção da nova arma balística V-2, que deveria reverter os destinos da guerra. Em 1944 a AK apreendeu a um foguete completo antes de seu disparo. O mesmo foi desmontado e cada um dos milhares de elementos foi documentado, sendo tudo repassado aos aliados ocidentais.

Unidades subterrâneas do exército empreenderam ações de sabotagem e ataques armados. Foram executadas condenações capitais a criminosos alemães. Uma das mais famosas foi a liquidação, em 1944, do comandante SS e polícia no distrito de Varsóvia, conhecido pela brutalidade e crueldade de Franz Kutscher.

O ano de 1941 trouxe a guerra entre os dois ocupantes totalitários. No dia 22 de junho as tropas de Hitler atacaram a URSS. Em algumas semanas os alemães repeliram completamente os soviéticos do território polonês.

A Grã-Bretanha reconheceu incondicionalmente a URSS como sua aliada. A Polônia também precisava ter um posicionamento diante da nova situação. Enquanto o Exército Vermelho sofria derrotas, o totalitarismo soviético não ameaçava diretamente a Polônia. Em 1941 veio a oportunidade de retirar dos campos soviéticos centenas de milhares de poloneses presos.

Nesta situação, a República da Polônia fez uma tentativa de normalização das relações com a URSS. Assinou um acordo que previa o retorno das relações bilaterais e um trato militar. Moscou anulou formalmente o pacto Ribbentrop-Molotov e prometeu a libertação dos poloneses aprisionados na URSS. Foi acordada a formação nos soviets de unidades militares polonesas subordinadas às autoridades da República. Em 1942 estas foram transferidas ao Oriente Médio britânico.

Infelizmente, isto não fez mudar a natureza criminoso do totalitarismo soviético. As trágicas experiências dos anos entre 1939 a 1941 ordenavam que os poloneses temessem a perspectiva inequívoca da vitória soviética no oriente. Para muitos estava bem claro que tanto uma vitória da totalitária Alemanha quanto da outra totalitária União Soviética arruinaria qualquer chance de manutenção da independência para a Polônia. O cenário mais proveitoso para a Polônia seria que ambas as potências criminosas se engalfinhassem numa luta o mais distante possível das fronteiras orientais, a fim de se destruírem mutuamente. Daí os aliados ocidentais derrotariam a Alemanha antes que o Exército Vermelho se aproximasse da Polônia. Por este motivo que a Polônia apoiou a concepção de que a invasão aliada do continente deveria acontecer pelos Bálcãs e não na distante França.

A desconfiança dos poloneses em relação à Rússia tinha muito fundamento. Stalin, desde os primeiros meses, sabotou o acordo soviético-polonês. O Kremlin dificultou a libertação de cidadãos poloneses dos campos de concentração e locais de exílio e reforçou sua própria rede de agentes em território polonês.

Em 1942 os alemães tomaram a decisão de levar a cabo o extermínio dos judeus europeus. Entre eles havia 3 milhões de judeus cidadãos poloneses. Por isso Hitler fez da terra polonesa o centro do Holocausto. O plano de eliminação completa da população judia foi um enorme empreendimento organizado e executado por todo o país alemão. Anteriormente, os alemães haviam eliminado os direitos de cidadania dos judeus. Nas terras polonesas ocupadas – diferentemente do que em outros países ocupados – qualquer forma de auxílio a judeus era penalizada com a morte, muitas vezes extensiva a todos os membros da família. Mesmo assim, o Estado subterrâneo polonês criou em 1942 a Rede de Auxílio aos Judeus, cujo criptônimo era “Żegota”. Importante papel na ocultação de crianças judias foi cumprido pelos conventos. Entre os aproximadamente mil poloneses assassinados por prestarem ajuda a judeus há dezenas de padres.



No KL Auschwitz-Birkenau, os alemães assassinavam judeus de toda a Europa.
Na foto: judeus da Hungria trazidos para o campo, maio 1944.
(Foto Yad Vashem)

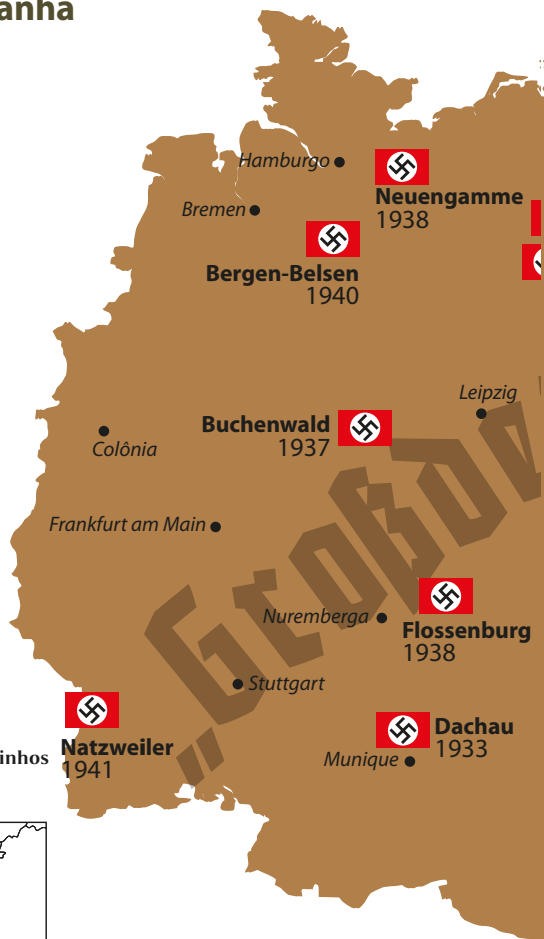
No terreno da Polônia ocupada foi instalada uma rede de campos de concentração alemães. Até hoje permanece como símbolo maior do genocídio perpetrado pelos alemães em terras polonesas, o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Aberto em 1940 para prisioneiros – poloneses, passando em 1942 a ser o principal local de extermínio massivo da população judaica. Até 1945 foram ali mortos pelos alemães mais de um milhão de judeus vindos de toda a Europa, mais de 70 mil poloneses, 20 mil ciganos e 15 mil prisioneiros soviéticos. Para funcionalizar o sistema de extermínio em massa, os alemães empregaram gás venenoso na matança, em câmaras especialmente preparadas para isto. Para idênticos objetivos servia toda a rede de campos alemães de extermínio. Os alemães abafaram sangrentamente as revoltas e resistências armadas da população judaica. O maior deles foi o Levantamento de Gueto de Varsóvia, que estourou em abril de 1943.

A Polônia tentou alarmar o mundo dos crimes perpetrados pelos alemães e do extermínio de judeus. A sociedade internacional reagiu a isto com incredulidade e passividade.



Servos de Deus Wiktorina e Józef Ulma, da aldeia Markowa.
Em 1944 foram assassinados com seus sete filhos pelos alemães,
por terem ocultado em sua casa duas famílias judias.
(Foto da coleção de Mateusz Szpytma)

Os mais importantes campos de concentração alemães e campos de morte alemães nas fronteiras da chamada Grande Alemanha nos anos 1941–1944



Fronteiras atuais da Alemanha e dos países vizinhos em comparação com as da Grande Alemanha nos anos 1941–1944





A escala dos crimes alemães foi mostrada pelo valor da decisão da Polônia em lutar com consequência contra o país de Hitler. Apesar da gigante quantidade de perdas humanas sofridas pela República da Polônia, esta não se maculou e rejeitou todo e qualquer tipo de cooperação com os alemães. Se algum cidadão polonês individualmente colaborou com o ocupante contra a população civil ou estruturas subterrâneas, tornou-se um traidor da Pátria. Isto era penalizado com a morte pelas mãos dos soldados do Estado Subterrâneo.

Nos anos 1943 e 1944, nas regiões ocupadas pelos alemães de Volínia (em polonês: Wołyń) e Galícia Oriental, ucranianos do Exército Insurreto da Ucrânia perceberam a eficácia do extermínio realizado pelos nazistas e iniciaram a sistemática carnificina dos poloneses da região. Esta ação genocida levou 100 mil poloneses à morte. Seu objetivo era eliminar rapidamente a população polonesa daquelas áreas.

O final da Batalha de Stalingrado, em 1943, trouxe uma virada no front oriental. O Exército Vermelho tinha diante de si, a perspectiva de marchar para a vitória no Ocidente. Infelizmente, o caminho para a realização dos planos imperialistas de Stalin para a Europa estava aberto. Neles não havia espaço para uma Polônia livre e independente.

O Kremlin então passou para as etapas de ações agressivas contra a Polônia. Stalin queria empurrar o País ao papel de um objeto nas mãos da política das potências, com a anexação de seus territórios orientais e escravidão de todo o resto.

Estes planos contrastavam com os princípios da Carta do Atlântico, votados em conferências da coalizão contra a Alemanha. A Polónia contava com o apoio decidido de Londres e Washington na defesa de seus direitos. Infelizmente, tanto EUA quanto Grã-Bretanha, ocultamente dos poloneses, a partir de 1943 enviaram para Moscou sinais de que estavam dispostas a aceitar a partilha da metade oriental da Polónia pela URSS. Isto inclinou Stalin a ordenar uma sistemática escalada de ações contra a Polónia.

No dia 25 de abril de 1943, Moscou rompeu relações intergovernamentais com a Polónia. Este foi de fato o início da nova agressão soviética contra a República.

Deste modo, a Polónia tornou-se o único país da coalizão contra a Alemanha que – seguindo no combate aos alemães – passou a ser alvo de um dos países aliados. Americanos e britânicos gradualmente passaram a ser mais licenciosos com as solicitações soviéticas. Stalin se aproveitou disso e intensificou os preparativos para a total sujeição da Polónia. Parte destas ações consistia em construir unidades militares formadas por poloneses completamente subordinadas aos soviéticos.



Soldados da Exército Nacional (AK) no Palatinado de Vilno, 1944. (Foto KARTA)

Inicialmente, Stalin realizou agressões via diplomacia e propaganda. Após a nova violação das fronteiras polonesas pelo Exército Vermelho em janeiro de 1944, os soviéticos utilizaram contra os poloneses suas forças armadas e policiais.

A Exército Nacional estava empenhada intensivamente nas atividades de combate aos alemães, que visavam mostrar ao mundo o direito polonês à liberdade, soberania e integralidade territorial (o plano "Tempestade"). A Polônia contava que seus esforços militares, com o apoio dos aliados anglo-saxões, forçariam a URSS a reconhecer sua soberania. A Polônia não dispunha de outras ferramentas de pressão.

A ação armada da AK foi posta em funcionamento em várias regiões, criando em certa medida um front. Na retaguarda dos alemães foram organizados levantamentos armados locais e as forças polonesas lograram libertar centenas de localidades. A AK tomou parte nos combates contra os alemães por Vilno e Lvov. Ao revelar para o Exército Vermelho suas divisões, os poloneses declararam – como os donos destas terras – disposição para ações conjuntas dentro da coalizão contra a Alemanha.

Em muitos lugares os comandantes soviéticos fingiram disposição para cooperar. Após alguns combates juntos contra os alemães, porém, traiçoeiramente

Grupo de combatentes
insurgentes em Varsóvia
em agosto de 1944.
(Foto Wikimedia Commons)



detiveram quadros de comando da AK. Os soldados da AK foram incorporados a unidades submetidas a Moscou. Aqueles que se opuseram foram mortos, outros feitos prisioneiros e exilados para campos de prisioneiros no interior da URSS. A repressão soviética também caiu sobre cidadãos civis poloneses.

A ocupação soviética da Polônia tornou-se fato. As terras orientais da República foram novamente incorporadas diretamente à União Soviética por Stalin. No ociden-



te da nova linha fronteira estabelecida pelo Kremlin, Stalin convocou autoridades comunistas completamente submissas a Moscou e protegidas pelas forças soviéticas.

O último ato na luta pelo direito da República da Polónia à independência foi o Levantamento de Varsóvia, que eclodiu no dia 1 de agosto de 1944. Nos bairros de Varsóvia libertados pela Exército Nacional as estruturas administrativas da República funcionavam abertamente. Os insurgentes combatiam sozinhos, apesar da



Soldados do AK assassinados pelos soviéticos em Turza perto de Rzeszów, no outono de 1944 após a re-invasão do Exército Vermelho na Polônia. Fotografia da exumação efetuada nos anos noventa do século XX. (Foto Maciej Korcuć)

vizinhança próxima ao front soviético. Moscou fez de tudo para que o Levantamento desse errado. Stalin mandou segurar nas proximidades de Varsóvia a ofensiva do Exército Vermelho, renunciando a realização dos planos anteriores de atingir a cidade. Deu a Hitler tempo para liquidar completamente as forças polonesas. No período dos maiores sucessos do Levantamento, a URSS impossibilitou o aumento da ajuda aérea aliada para os combatentes da AK. Os soviéticos arrasaram brutalmente unidades da AK que se encontravam a caminho para dar apoio no Levantamento. Os alemães fizeram o mesmo no seu lado do front.

Em tais circunstâncias os soldados da AK combateram heroicamente durante dois meses, lutando contra os alemães que contavam com gigantesca vantagem. Nos bairros ocupados pelos alemães foram perpetrados crimes em massa: mais de cem mil habitantes da capital foram mortos. Tirando proveito da passividade soviética, os meses que se seguiram foram de completa destruição de bairros inteiros de Varsóvia, por ordem de Hitler.

Nos anos de 1944 e 1945, o Exército Polonês participou na libertação de Itália, França, Bélgica e Holanda. Conquistaram Monte Cassino, abrindo caminho para as tropas aliadas à Roma. Mais tarde libertaram dezenas de cidades italianas das mãos dos alemães – entre elas Ancona e Bolonha. No norte da França participaram na Batalha de Falaise, na libertação de Ypres e Gante, na Bélgica, e Breda, na Holanda.

Lutaram em Arnhem e às margens do rio Mosa. Conquistaram regiões do norte da Alemanha. Marinheiros poloneses lutaram na Batalha do Atlântico, na organização das frotas para Murmansk e em atividades bélicas no Mar Mediterrâneo e no Mar Egeu.

Também de outra forma a Polônia possibilitou a derrota da Alemanha. Criptoanalistas poloneses quebraram os códigos dos alemães com a máquina de criptografia “Enigma” e os transmitiram aos aliados britânicos, o que foi a chave para muitas vitórias aliadas durante a guerra.

Na conferência de Ialta em fevereiro de 1945, EUA e Grã-Bretanha, inversamente aos princípios contidos na Carta do Atlântico, finalmente selaram a incorporação da metade oriental da Polônia, com Vilno e Lvov, à URSS. Na conferência de Potsdam foi confirmado que a Polônia receberia a parte sul da Prússia Oriental e as terras após a linha do Odra e Neisse, que antes da guerra faziam parte do Terceiro Reich. Isto não recompensou as perdas territoriais. A nova superfície da Polônia com as novas fronteiras, em comparação com o território de antes da guerra, foi diminuída em 20%.

Como resultado das ações alemãs e soviéticas, a Polônia sofreu perdas gigantescas, difíceis de serem recuperadas na escala da história. Pelo menos seis milhões de cidadãos da República perderam a vida (destes a metade consiste de judeus assassinados pelos alemães). Uma multidão de poloneses não pode retornar ao país subjogado pelos soviéticos. Como efeito de extermínios, deportações e aprisionamentos, a Polônia perdeu parte significativa do potencial humano. Em 1945 as novas fronteiras abrigavam 11 milhões de cidadãos a menos, seu número diminuiu de 35 milhões em 1939 para somente 23,9 milhões, em 1945. Grandes perdas foram especialmente sofridas pelas elites polonesas. Por exemplo, perderam a vida 39% dos médicos, 30% dos cientistas e 28% do clero.

A destruição foi enorme. Avalia-se que o patrimônio nacional foi diminuído em até 38%. Os territórios novos devastados pela guerra foram sistematicamente saqueados pelos soviéticos, que transportaram para a URSS equipamentos industriais, energéticos e de comunicação.

Stalin construiu um país alternativo: instalou em Varsóvia uma administração completamente submissa a ele. A partir de 1944 as forças armadas e o NKVD tomaram parte na liquidação da resistência pela independência e das estruturas subterrâneas subordinadas às autoridades constitucionais da República no Exílio. A repressão que se seguiu foi sangrenta: assassinatos, prisões, exílios para campos

de trabalho forçado no interior da URSS. Em março de 1945 autoridades soviéticas traiçoeiramente aprisionaram os líderes do Estado Polonês Subterrâneo. Três deles – o vice-chanceler da República, seu substituto e o Comandante Principal da AK – permaneceram em prisões soviéticas até à morte.

Em junho de 1945, com base nas decisões dos Três Grandes em Ialta, sob o controle de Moscou, foi criado um governo novo com a incumbência de organizar num país esvaçado eleições parlamentares. Nestes termos, os governos de EUA e Grã-Bretanha ataram com esta nova ordem relações diplomáticas, retrocedendo oficialmente o reconhecimento às autoridades da República no Exílio. Este foi mais um ato de deslealdade por parte dos aliados ocidentais para com a Polónia, ainda mais por não ter sido garantida a idoneidade do pleito nem a remoção das tropas soviéticas estacionadas em território polonês. Os comunistas, que de fato possuíam apenas apoios marginais da sociedade, somente graças aos soviéticos puderam manter o poder.

As eleições legislativas foram realizadas em 1947. Seu resultado foi controlado por Moscou e completamente falsificado, com a vitória atribuída aos comunistas.

Até 1947, a resistência armada contra a subjugação foi empreendida por fortes grupos de guerrilha; a luta política coube, entre outros, ao declarado Partido Polonês do Povo (em polonês: *Polskie Stronnictwo Ludowe* – PSL) e a conspiratória Associação “Liberdade e Independência” (em polonês: *Zrzeszenie „Wolność i Niezawisłość”*). Sem esperanças de qualquer mudança na situação geopolítica, as resistências clandestinas armadas foram se enfraquecendo com o tempo. No final dos anos quarenta ainda perseveravam nas florestas unidades de guerrilha, que com o tempo se transformaram em grupos de resistência.

EM BREVES PALAVRAS:

A 2ª Guerra Mundial iniciou com o ataque alemão e soviético à Polónia. Sozinhos no combate, os poloneses foram derrotados, mas não se renderam. No exílio foi instalado o governo nacional e as forças armadas foram reorganizadas. No país entrou em funcionamento o Estado Polonês Subterrâneo. Apesar dos enormes esforços e das grandes perdas, a Polónia não pode celebrar a vitória. Nos anos finais da guerra foi mais uma vez vítima da agressão soviética. Praticamente metade de seu território foi reanexado à União Soviética – todo o restante subjugou com um governo submisso a Moscou de ditadura comunista.

As fronteiras da Polônia antes e depois da II Guerra Mundial



Fronteiras de Polônia no ano 1939



Fronteiras da Polônia marcadas depois da II Guerra Mundial



SOB O JUGO COMUNISTA

Na

Polônia do pós-guerra o partido comunista, graças ao controle do país pelos soviéticos, exercia todo o poder. Os comunistas controlavam administração, economia, imprensa, educação e todos os outros setores da vida social. Apoiavam-se no terror e na propaganda. Estima-se que no período em que obtiveram o poder (1944–1956) pereceram 50 mil pessoas, com centenas de milhares detidas em presídios e campos de trabalhos forçados. A política interna e externa da República Popular da Polônia (o nome oficial do país a partir de 1952) era completamente subordinada ao governo da União Soviética.

Após 1947 a resistência armada feneceu rapidamente, apesar de no início dos anos cinquenta ainda haver pequenos grupos de guerrilheiros. O último deles foi morto somente em 1963. Após o fechamento do escotismo, círculos conspiratórios de jovens apareceram em escala massiva.

Com a estatização da economia, o último grupo de proprietários privados consistia de camponeses. Em 1948 os comunistas iniciaram a coletivização, com a entrega forçada das terras. Isto foi causa de grande resistência.

A propaganda com repressão anticlerical foi aumentando com o tempo. O objetivo das autoridades era a completa eliminação da religião. Muitos padres, religiosas e religiosos foram aprisionados, e mesmo bispos. O apogeu do combate



Coronel Łukasz Ciepliński (1913–1951) – o último líder da maior organização conspiratória, a Associação “Liberdade e Independência” (Zrzeszenie „Wolność i Niezawisłość”). Condenado à prisão e morte pelos comunistas, em sua cela escreveu: “Tomam-me apenas a vida. Isto não é o mais importante. Estou contente que vou ser assassinado como católico pela fé sagrada, como polonês pela Polônia autônoma e feliz, como homem a favor da verdade e da justiça. Creio hoje mais que em tempo algum, que a ideia de Cristo vencerá e a Polônia retomarà a independência, e a desonrada dignidade humana será recuperada. Esta é a minha fé e a minha grande felicidade”. (Foto Arquivo do Instituto da Memória Nacional, IPN)



O Capitão de Cavalaria Witold Pilecki (1901–1948) – oficial do Exército Polonês, prisioneiro voluntário de Auschwitz. Participou das campanhas militares de 1919–1920 e 1939; durante a ocupação alemã um dos organizadores do Exército Secreto Polonês. Intencionalmente permitiu que os alemães o prendessem para ser encaminhado ao campo de concentração de Auschwitz, onde queria criar uma conspiração militar e colher informações. Depois de dois anos fugiu de Auschwitz, participou do Levante de Varsóvia. Ao finalizar a guerra, criou uma organização que levantava informações para o governo polonês no exílio. Executado pelos comunistas, seus restos mortais não foram encontrados até hoje. (Foto Arquivo do IPN)

à religião foi a detenção do Primaz da Polónia cardeal Stefan Wyszyński, em 1953. Clérigos aterrorizados eram forçados a fazer juramentos de fidelidade ao Estado. Mesmo prisioneiro, o Primaz definiu o programa de preparação dos poloneses para o Milênio do Batismo da Polónia.

A crescente insatisfação dos poloneses explodiu em junho de 1956, em Poznań. Cem mil pessoas saíram às ruas da cidade, exigindo melhorias nas condições de vida e liberdade política e religiosa. Seu protesto foi abafado sangrentamente. Cinquenta e oito pessoas perderam a vida, entre eles o adolescente Romek Strzałkowski, a mais jovem vítima, com apenas 13 anos.



Manifestações nas ruas, Poznań, 28 de junho de 1956. (Foto Arquivo do IPN)



No dia 26 de agosto de 1956, um milhão de poloneses responderam à convocação do Primaz cardeal Stefan Wyszyński e se concentraram em Jasna Góra. Lá, renovaram o Voto da Nação, criado pela primeira vez em 1656 feito pelo rei João Casimiro. (Foto Arquivo da Cúria Metropolitana de Katowice)

No outono de 1956 os comunistas, desejando acalmar os ânimos sociais, trocaram a direção do partido. Durante comícios e manifestações, os poloneses exigiam a retirada das tropas soviéticas estacionadas, o fim da dependência do país de Moscou, liberdade e a libertação do Primaz Wyszyński. Este último postulado foi cumprido em pouco tempo. Para acalmar a sociedade, os comunistas fizeram parciais concessões. Permitiram a dissolução dos colcozes(permaneceram poucas pessoas), aliviaram momentaneamente a censura, oficiais soviéticos com voz de comando sobre as forças armadas retornaram à União Soviética e foi limitado o aparato de repressão autoritário.

A Igreja católica também percebeu as mudanças. Entre os prisioneiros políticos foram libertados das cadeias, antigos religiosos e bispos que haviam sido eva-



No outono de 1956 os poloneses manifestaram solidariedade aos húngaros, que se encontravam em luta com as tropas soviéticas. Apesar da difícil situação econômica que passava, a Polônia prestou ajuda à Hungria, cujo valor somente foi superado pela contribuição enviada dos Estados Unidos.

(Foto Arquivo do IPN)

dados, os mesmos voltaram às suas dioceses. Às escolas voltou o ensino religioso e licenças para a construção de novas igrejas foram concedidas. Mas a repressão não tardou em voltar, apesar de não ser tão violenta quanto antes. Foram removidas cruzes das escolas e aulas de religião foram canceladas, construções de igrejas foram interrompidas e bens eclesiais foram confiscados, o que reacendeu os protestos da sociedade.

O campo fundamental de atrito entre as autoridades e a Igreja era o vindouro Milênio do Batismo da Polônia. Os poloneses se prepararam para o evento, realizando o programa espiritual do Renascimento da Nação – a Grande Novena, iniciada pelo Primaz Wyszyński. Os comunistas, então, anunciaram seu próprio plano relacionado ao milênio do país.

Em 1965 os bispos poloneses encaminharam aos bispos alemães a famosa carta com as palavras “nós vos concedemos perdão e perdão vos pedimos”. Esta

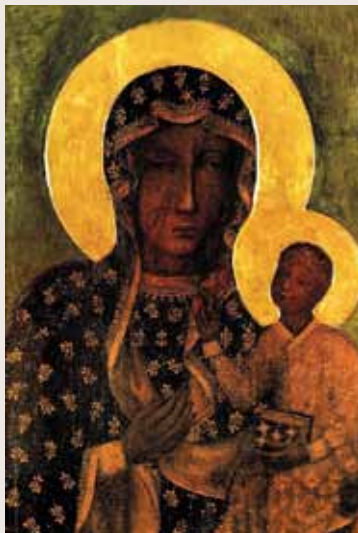


Nowa Huta era para ser a “cidade socialista”, livre de igrejas. Em 1957, porém, foi permitido construir uma igreja, licença que em seguida foi cancelada. Em 1960 as autoridades ordenaram remover a cruz que havia no local da obra paralisada, o que causou o protesto de milhares de pessoas em sua defesa. (Foto Arquivo do IPN)

carta tornou-se o início do processo de reconciliação polono-alemã. Simultaneamente despertou uma nova campanha de propaganda anticlerical. Apesar disto, a maciça participação dos poloneses nas celebrações do milênio mostrou de que lado estava o apoio da sociedade.

Nos anos sessenta as mudanças realizadas em 1956 foram abandonadas. A contrariedade por parte da intelectualidade foi crescendo gradualmente, culminando com os protestos estudantis de 1968. Eles exigiam liberdade de expressão, pesquisa, cultura e o fim da censura. O governo respondeu com dura repressão e desencadeando uma campanha de propaganda antissemita, obrigando que 13 mil pessoas de origem judaica deixassem a Polônia.

A situação econômica também piorou. Em dezembro de 1970 o governo decidiu implantar a política de preços (os preços eram regulados pelo Estado). Isto despertou greves em todo o país. Os acontecimentos mais estratégicos tiveram andamento no litoral, onde ocorreram manifestações e quebra-que-



Um dos elementos da preparação para o milênio foi a peregrinação por todas as paróquias de uma cópia do quadro de Nossa Senhora de Częstochowa. Os comunistas tomaram a decisão de interromper toda a ação e em 1966 “aprisionaram” o quadro.



O governo organizou um evento concorrente, mas os poloneses participaram maciçamente nas celebrações religiosas. Na foto: celebrações de Cracóvia.
(Foto Arquivo Digital Nacional)



Em agosto de 1968 a invasão das tropas do Pacto de Varsóvia pôs fim às reformas da Primavera de Praga na Tchecoslováquia. O ato mais dramático de contrariedade a esta agressão foi a autoimolação do antigo soldado da Exército Nacional Ryszard Siwiec. (Foto Arquivo do IPN)

bras nas ruas. Em Gdańsk, Gdynia, Elbląg e Szczecin exército e milícia usaram armas de fogo contra os operários, causando a morte de 45 pessoas e mais de mil feridos.

A repressão sangrenta aos protestos operários foi usada como pretexto para mais uma mudança de lideranças no partido comunista. Mais uma vez foram feitas concessões para a sociedade. Seguiu-se uma moderada liberalização política, o que trouxe significativa melhora do nível de vida. Porém, não houve reformas na economia de controle centralizado. O crescimento da economia foi fruto de empréstimos concedidos por credores ocidentais. Outra crise não era somente questão de tempo. A tentativa de aumento dos preços de 1976 levou



Conflito nas ruas de Gdańsk, de dezembro de 1970. (Foto Arquivo do IPN)

a mais greves e demonstrações. Os comunistas retrocederam dos aumentos, mas usaram de muita violência contra os demonstrantes. Isto acelerou o surgimento de organizações de oposição, sendo as mais importantes, o Comitê de Defesa dos Operários (em polonês: *Komitet Obrony Robotników*) e o Movimento pela Defesa dos Direitos Humanos e Civis (em polonês: *Ruch Obrony Praw Człowieka i Obywatela*). A oposição dava apoio a pessoas sob repressão, editava imprensa clandestina e organizava educação independente.

No dia 16 de outubro de 1978 o arcebispo metropolitano de Cracóvia, cardeal Karol Wojtyła foi eleito Papa e assumiu o nome João Paulo II. Este acontecimento trouxe grande entusiasmo aos poloneses e choque aos comunistas. O governo não teve condições de impedir as peregrinações de João Paulo II à Pátria. A primeira ocorreu em junho de 1979. Durante a missa em Varsóvia, com a participação de centenas de milhares de pessoas, ao falar da história da Polônia o Papa encerrou a homilia com as seguintes palavras: “E brado, eu, filho da



Stanisław Pyjas (* 1953, † 1977)
– estudante da Universidade Jaguelônica, colaborador do Comitê de Defesa dos Operários, assassinado pelo Serviço de Segurança comunista. Depois de sua morte surgiu Comitê Universitário Solidariedade. (Foto Arquivo do IPN)

terra polonesa, e ao mesmo tempo eu, João Paulo II, Papa, brado do mais fundo deste Milênio, brado na vigília do Pentecostes, wołam wraz z wami wszystkimi: “Desça o Teu Espírito! Desça o Teu Espírito! E renove a face da terra. Desta Terra!”. Em pouco tempo estas palavras se mostraram proféticas. Nos corações dos poloneses estava nascendo a esperança.

EM BREVES PALAVRAS:

Na Polônia do pós-guerra, os comunistas controlavam todas as esferas da vida da sociedade, baseando sua autoridade no terror e na propaganda. Os poloneses se revoltaram muitas vezes contra a ditadura. Uma grande esperança se relacionava à eleição do Arcebispo Karol Wojtyła – João Paulo II – para a Sé de Pedro.





São João Paulo II (* 1920, † 2005) – Papa, anteriormente Arcebispo de Cracóvia.
Poeta, filósofo, chamado de O Papa Peregrino – durante seu pontificado visitou a 129 países. Grande propagador do anúncio da Misericórdia Divina.
(Foto Dennis Jarvis)

LIBERDADE E SOLIDARIEDADE



o verão de 1980 trouxeram uma onda de greves à Polônia, despertadas pela situação de contínua deterioração econômica. Significado decisivo teve o estouro da greve no Estaleiro de Gdańsk, causado pela demissão da ativista de oposição Anna Walentynowicz. Outras plantas se juntaram ao estaleiro, sendo formulados 21 postulados. O mais importante deles foi a criação de sindicatos independentes do governo. A greve expandiu-se para outros centros – Szczecin, Breslávia, Jastrzębie.

A escala dos protestos forçou o governo a concessões. Foi assinado um acordo social, que resultou na fundação do Sindicato Autônomo “Solidarność”. Seu líder era Lech Wałęsa, que havia tomado a frente na greve de agosto em Gdańsk. Apesar das dificuldades impostas pelo governo, o “Solidarność” abrangeu com sua atividade o país inteiro. Em 1981, contava com a inscrição de 10 milhões de poloneses. Foi a maior organização de base da história mundial, formada em tão pouco tempo. Como resultado de novos protestos, foram convocados também associações independentes de agricultores e universitários.

O que fez o movimento “Solidarność” realmente excepcional não foi somente o seu número de adeptos. Os dezesseis meses de atividade legal do sindicato autônomo foi um período de grande entusiasmo e esperança. Os poloneses em escala



No portão do Estaleiro de Gdańsk os grevistas suspenderam o retrato de João Paulo II e pinturas religiosas. Nas duas semanas de protesto a força vinha da oração diária e das missas celebradas aos domingos.
(Foto Jan Palik, FOTONOVA)

maciça engajaram-se nas questões políticas e apresentaram projetos de reforma em praticamente todas as esferas da sociedade. Além da censura, apareceram milhares de revistas e livros. Escreveu-se a verdade da história atual, publicou-se literatura até então proibida. As correntes reformadoras se manifestaram também nas estruturas de poder.

A natureza daquele tempo demonstra melhor os valores que eram evocados: verdade, liberdade, justiça, solidariedade, dignidade humana, bem comum. O "Solidarność" congregou gente de diversas convicções. Uniam-se em torno do patriotismo, e a maioria também por afeição religiosa. Naquele período, após anos de ateísmo forçado, a religião estava voltando à vida pública.

O momento culminante foi o 1º Congresso Nacional de Delegados do Sindicato "Solidarność". Por representarem a maioria da sociedade, o Congresso foi chamado de Parlamento da Polônia Livre. Foi decidido o programa sindical "República Autogovernada", com grande repercussão a "Mensagem para os Trabalhadores do Leste da Europa". Isto despertou uma nova campanha de propaganda contrária ao "Solidarność" em todo o bloco soviético. Na realidade, porém, durante todo



No décimo aniversário do Dezembro de '70 de Gdańsk foi inaugurado o monumento em honra aos trabalhadores do estaleiro que foram mortos.

(Foto Tomasz Wierzejski, FOTONOVA)



Em maio de 1981 os poloneses foram abalados pela notícia do atentado contra João Paulo II, seguida pela informação da morte do Primaz Stefan Wyszyński. Em todo o país rezou-se pela vida do Santo Padre.

(Foto Włodzimierz Pniewski, REPÓRTER).



Primeiro Congresso do “Solidarność”. (Foto Wojtek Laski, EastNews)

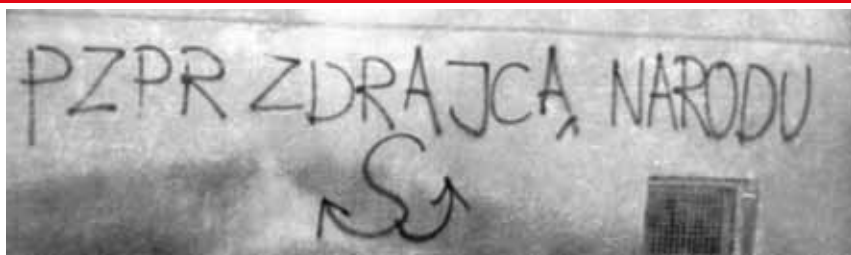


A pacificação da greve na mina de carvão “Wujek” em Katowice, 16 de dezembro de 1981. (Foto Marek Janicki, FOTONOVA)

o período depois de agosto de 1980, o “Solidarność” limitou as reivindicações mais radicais, como as eleições livres.

As autoridades comunistas desde o início planejaram a destruição do “Solidarność”. Tal solução era objeto de pressão também por parte da União Soviética. No dia 13 de dezembro de 1981, foi decretado estado de sítio. Para as ruas foram enviados tanques e veículos blindados, os telefones foram desconectados, foi proibido deixar o local de moradia, toda a atividade das organizações foi suspensa (com exceção do partido comunista). Já na primeira noite do estado de sítio, três mil pessoas foram conduzidas ao internamento. Em suma, passaram pelos campos de internação cerca de 10 mil ativistas do “Solidarność” e de outras organizações. Milhares de pessoas ouviram voz de prisão. Dezenas de milhares perderam o emprego.

Apesar da situação ameaçadora, potencializada pelas advertências de penalização com a morte pela resistência, em todo o país foram deflagradas centenas de greves. Todas foram abafadas via força bruta. Os efeitos mais trágicos tiveram a pacificação da mina “Wujek”, quando nove mineiros foram mortos. A resistência foi desbaratada, mas não foi possível levar a cabo a destruição do “Solidarność”.



O sinal do “Solidaridade na Luta”, organização clandestina fundada em Breslávia, em 1982. Fazia referência ao sinal Polônia na Luta do período da 2ª Guerra Mundial. (Foto Arquivo do IPN)

As estruturas do sindicato foram mantidas na clandestinidade, tanto em nível de chão de fábrica, quanto regional e nacional. Igualmente surgiram organizações conspiratórias juvenis e universitárias, partidos políticos subterrâneos etc.

Um dos fenômenos da conspiração polonesa dos anos oitenta foi a imprensa subterrânea. Em cada ano apareciam centenas de novos títulos de espécie diversa.



Gráfica subterrânea. (Foto KARTA)



Durante a manifestação em Lubin, de 31 de agosto de 1982, três manifestantes foram baleados por milicianos. (Foto Krzysztof Raczkowski, FOTONOVA)

Depois de alguns meses de estado de sítio foram organizadas também transmissões de rádio clandestinas. Prosperava a cultura independente. No subterrâneo, centenas de livros foram editados. Concertos e apresentações teatrais foram organizados. O esconderijo para muitas destas atividades era a Igreja.

A decretação do estado de sítio causou a reação do mundo inteiro. Os Estados Unidos anunciaram sanções contra os governos comunistas da Polônia e União Soviética. Demonstrações de *Solidarność* foram realizadas mundo afora. Foi enviada à Polônia ajuda humanitária e apoio para o “*Solidarność*” subterrâneo. Atos de protesto foram anotados mesmo em países do bloco soviético. O símbolo do reconhecimento do “*Solidarność*” foi a atribuição do Prêmio Nobel da Paz a Lech Wałęsa, em 1983.

A oposição organizou greves e manifestações. O governo comunista, entretanto, não estava disposto a concessões. Apesar do cancelamento do estado de sítio em 1983, a repressão seguiu. João Paulo II deu força aos poloneses, visitando a Pátria em 1983 e 1987. Um grande abalo, porém, foi o assassinato, em



Beato Jerzy Popiełuszko (* 1947, † 1984) – mártir, capelão do “Solidarność”. Celebrou missas pela Pátria. Em suas homilias seguia os passos de São Paulo, exortando a “vencer o mal com o bem”. (Foto KARTA)

1984, do padre Jerzy Popiełuszko, morto por funcionários do aparelho de segurança comunista.

Os comunistas não estavam em condições de superar a crise econômica. Apesar da introdução da regulamentação de mercadorias, comprar produtos de primeira necessidade significava parar por horas em filas. A falta de perspectivas levou milhares de poloneses à saída do país.

Em 1988 ocorreram duas ondas de greves. Na atividade de oposição se engajaram novas gerações de jovens. Estes acontecimentos forçaram os comunistas a concessões. A parte moderada da oposição iniciou as conversações da Mesa Redonda. A intenção do governo se limitava a reforma do sistema. Porém, sucedeu-se a sua queda. Durante as eleições parlamentares parcialmente livres de junho de

Solidarność



**W SAMO POŁUDNIE
4 CZERWCA 1989**

Cartaz eleitoral do "Solidarność" intitulado "Ao meio-dia",
da autoria de Tomasz Sarnecki.



As insígnias presidenciais da 2ª República foram transmitidas no Castelo Real em Varsóvia, totalmente reconstruído após à destruição pelos alemães.
(Foto Tomasz Wierzejski, FOTONOVA)

1989 o “Solidarność” obteve noventa e nove, dos cem assentos no Senado e todos os disponíveis (35%) no Sejm.

Os acontecimentos na Polónia deram início ao processo de queda do sistema comunista em toda a Europa Central e do Leste. Nos meses seguintes caíram os governos ditatoriais de Hungria, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Bulgária e Romênia. Por fim, em 1991 desmoronou a União Soviética.

Em dezembro de 1990 ocorreram livres eleições presidenciais, cuja vitória coube a Lech Wałęsa. As insígnias do poder foram passadas às suas mãos por Ryszard Kaczorowski, o último presidente da República da Polónia no Exílio. Deste modo terminou a história do governo da Polónia que funcionou no estrangeiro a partir de 1939.

Os anos noventa correram sob o signo das reformas económicas e políticas. A economia estéril se diluiu completamente. A entrada para o mercado livre gra-

dualmente melhorou a situação, mas com o ônus da pauperização de muitos grupos da sociedade. Muitas reformas políticas obtiveram sucesso, como a criação da verdadeira autogestão. O símbolo do retorno da Polônia ao mundo ocidental foi a acolhida entre os membros da OTAN (1999) e da União Europeia (2004).

O maior abalo para os poloneses nos últimos anos foi a catástrofe do avião presidencial em Esmolensko, no dia 10 de abril de 2010. Juntamente do presidente Lech Kaczyński morreram muitas autoridades representativas, militares, clericais e combatentes. Estavam a caminho de Katyn, onde prestariam homenagem às vítimas do crime soviético. Deste modo, mais uma vez na história da Polônia o passado se entrelaçou com a atualidade.

*

Hoje olhamos para a supramilenar história da Polônia, iniciada com o Batismo de 966. Temos orgulho dos feitos de nossos antepassados, enquanto buscamos tirar lições de seus insucessos. O passado é a fonte de nossa identidade e ao mesmo tempo um compromisso. Incessantemente volta para nós o eco das palavras do Santo Papa, ditas em Cracóvia ao final da primeira peregrinação à Pátria. João Paulo disse, então: “E, por conseguinte, antes de me ir embora daqui, peço-vos que *aceiteis*, mais uma vez todo o patrimônio espiritual cujo nome é «Polônia», com a fé, a esperança e a caridade enxertada por Cristo em nós no santo Batismo. Peço-vos: que não percais nunca a confiança, que não vos abatais, que não vos desencorajeis; que não *correis* por vós as raízes de que tivemos origem”.

EM BREVES PALAVRAS:

Em 1980, depois de ondas de protestos sem precedentes, surgiu o “Solidarność”, movimento social excepcional na história mundial. Apesar do estado de sítio instituído pelos comunistas, a oposição perseverou nos subterrâneos. Por fim, a vitória coube ao “Solidarność”, possibilitando o retorno da democracia à Polônia. A luta dos poloneses iniciou a queda do sistema comunista em toda a Europa Central e do Leste e o desmoronamento da União Soviética.





Piotr Żyłciński



INSTYTUT
PAMIĘCI
NARODOWEJ



Rzeczpospolita Polska
Ministerstwo
Spraw Zagranicznych

